

DIEGO MARCELL FERREIRA MARTINS

EDUCAÇÃO E NILISMO

Por uma formação do indivíduo em oposição à ideologia estatal

CURITIBA 2015

DIEGO MARCELL FERREIRA MARTINS

EDUCAÇÃO E NILISMO

Por uma formação do indivíduo em oposição à ideologia estatal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio
Da Universidade Federal do Paraná

Orientador: José Augusto Hartmann

CURITIBA

2015

Resumo

Este trabalho busca levantar uma abordagem alternativa às discussões no âmbito do ensino, entendendo que um novo mundo se apresenta e que este deve da mesma forma ter a formação educacional que se aproxime de certa coerência com este. Para tanto algumas questões são propostas para comporem esta compreensão, das quais principalmente focando na importância da transvaloração nietzscheana como fundamental para pensarmos o dia de amanhã através da formação do hoje; assim como o niilismo ativo como modo de proceder como maneira de passar o conhecimento, e a anarquia espiritual como respeito ao indivíduo, e portanto, à espécie humana; fazendo assim um contraponto à ideologização presente no âmbito da educação brasileira, principalmente de viés marxista, tendo este um propósito de abordagem que já não condiz com os dias atuais, assim o trabalho apresenta pontos de vista de maneira a introduzir outra perspectiva aos professores que pensam na educação como libertadora das amarras da tradição.

Palavras-chave

Educação. Niilismo. Filosofia.

Abstract

This article raises an alternative approach to the discussions in teaching, understanding that a new world is presented and that it should likewise have the educational background to approach a certain consistency with this. Therefore some questions are proposed to compose this understanding, which mainly focused on the importance of nietzschean transvaluation as fundamental to think about tomorrow through the formation of today; as well as the active nihilism as a way of proceeding as a way to pass the knowledge and spiritual anarchy as respect for the individual, and therefore the human species; thus making a counterpoint to ideologisation present within the brazilian education, especially marxist bias, and this one approach of purpose that no longer matches the present day, so the work presents views in order to introduce another perspective teachers to think in education as liberation from the shackles of tradition.

Keywords: Education. Nihilism. Philosophy.

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	6
Um novo pensamento necessita de um novo sistema	7
Educação social como prática niilista e alternativa às ideologias	10
A ideologia de Paulo Freire e sua infiltração na pedagogia brasileira	17
Independência educacional.....	25

Anexos

Sobre ideologia	42
Do porque da anarquia espiritual.....	49
Dialética abstrata: um aspecto para a educação	60
Carta aberta à educação brasileira institucional: manifesto por uma educação livre	66

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho sobre filosofia da educação se propõe a levantar algumas questões pouco vistas em nosso meio educacional, e não só isso, mas devido a extrema burocracia que rege o pensamento das instituições nacionais, sendo também objeto de preconceito. Para explicar melhor a proposta, porém, é preciso falar de outras coisas, sendo que este também é um trabalho que versa com a estética e com o pensamento pós-moderno, sem esta compreensão é impossível percorrer os caminhos propostos.

Para chegarmos a problemática principal e até mesmo às suas marginais é preciso antes atentar ao contexto em que se inserem tais problemas, por isso achei necessário apresentar no início um capítulo que serve como resposta a algumas questões que nascem de um ponto de vista da necessidade de inovar, inovar o pensamento, encontrar coerência e por isso pautado no mundo contemporâneo e suas novas formas de relação; o que acaba diferindo em muito do modelo ainda praticado dentro não só das instituições, mas exercido também por esta sociedade ditada ainda por arcaísmo intelectual fomentado pelas velhas concepções morais.

Entendendo-se tais contextualizações que também irão se complementando a cada novo capítulo, que mesmo quando tenham distintos problemas, seguirão um mesmo norte, uma mesma concepção conceitual do que seria este fazer filosófico, principalmente na temática da educação, mas não só, pois se realiza como fazer filosófico e neste fazer que as múltiplas linguagens (e digo múltiplas porque se fazem necessárias de serem assim no contexto apresentado e portanto indissociável como teoria, como prática e como forma) se apresentarão para um mesmo fim, obviamente não acabado, mas fim como proposição de ideias que possam seguir seu curso como objeto da construção humana.

Até por isso que apresento alguns capítulos introdutórios, onde gradativamente algumas questões são levantadas, tais como niilismo, sistema educacional, ideologia, marxismo, anarquia etc. Até que possa finalmente culminar numa concepção que irá abarcar e por isso irá se explicando no decorrer dos capítulos, pois de alguma forma estão atrelados. Mas se ainda parecer que carece de informação, pretendo inserir ao final alguns anexos que irão auxiliar neste contexto.

Para fechar esta primeira apresentação é importante salientar que a questão filosófica pontual é construída sob as teorias de Nietzsche, da anarquia individualista e da sociedade do

espetáculo de Guy Debord, lembrando sempre que trazidas a noção de mundo dos dias atuais, já que do contrário eu estaria apenas reproduzindo os chavões do interesse externo, o que não pretendo de forma alguma realizar.

INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho visa pensar a educação contemporânea na realidade brasileira em meio à globalização a partir de certa ótica niilista¹, em contraponto a visão ideológica que predomina na pedagogia nacional, vendo que o desinteresse² das relações na formação com respeito a temáticas que não fazem parte fundamentalmente das mesmas, favorece as boas relações, aproximando da honestidade intelectual para uma sociedade mais justa, tendo como base a escola.

Este trabalho não se dedica à series específicas, mas se apresenta como conceito/espírito à educação em qualquer âmbito, pois não vem como método, mas como maneira de pensar e agir na formação do cidadão; diferentemente da forma ideológica que tem na produção de Paulo Freire seu maior expoente no país³, mostrando que os ideais da esquerda apenas fomentam a derrocada da sociedade, fomentando a contenda e a divisão e principalmente por estes possuem o interesse, que aqui, se apresenta de igual modo aos aspectos religiosos de arrecadar fiéis, por isso abordamos através do pensamento niilista e o

¹ Aqui cabe deixar claro de que niilismo estamos falando, usamos o termo cunhado como niilismo ativo usado por Nietzsche, onde visa mudança, mas também numa esfera contextualizada com nossa contemporaneidade, opondo aos termos passivo, onde foi colocado o cristianismo, e neste caso podemos pensar as religiões em geral, e até mesmo o marxismo; e contrapondo também uma anulação extrema dos valores ou dos signos. "O N. não é somente um conjunto de considerações sobre o tema 'Tudo é vão', não é somente a crença de que tudo merece morrer, mas consiste em colocar a mão na massa, em destruir. (...) É o estado dos espíritos fortes e das vontades fortes do qual não é possível atribuir um juízo negativo: a negação. In ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 1998, p. 726.

² Neste caso devemos levar em conta os três tópicos que baseiam o niilismo a partir de Górgias e dos cétricos: "primeiro na não existência do ser, existe somente o nada. O ser não é uno, não é múltiplo, nem incriado e nem gerado, por conseguinte o ser é nada. Segundo, mesmo que o ser existisse ele não poderia ser conhecido pois se podemos pensar em coisas que não existem é porque existe uma separação entre o que pensamos e o ser, o que impossibilita o seu conhecimento. E terceiro, mesmo que pudéssemos pensar e conhecer o ser nós não poderíamos expressar como ele é porque as palavras não conseguem transmitir com veracidade nada que não seja ela mesma. Quando comunicamos, comunicamos palavras e não o ser." In http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=22 – com esta base, a primeira questão me parece irrelevante, pois entraria numa afirmação, esta então facilmente poderia descambar para uma certeza, em oposição ao próprio niilismo.

³ As incoerências relativas a temática junto a pedagogia nacional parecem deixar bem claras tais circunstâncias, mas irei me ater apenas ao que penso ser fundamental como causa, apesar de tal problema permear todo o trabalho. Quanto a conceituação de "ideologia" neste âmbito ver capítulo em anexo que a este se dedica.

aproximamos mais do liberalismo⁴ num primeiro momento até que possamos prosseguir a um espírito anarquista, porém não trazemos os parâmetros políticos destas linhas, mas analisamos apenas sobre alguns de seus aspectos que envolvem o desenvolvimento do indivíduo.

O que fazemos aqui então é apresentar um conceito como alternativa que poderá estar na forma de agir nos diferentes âmbitos da educação: pedagógica, didática e inclusive avaliativa; evidente que não entraremos nestes campos, já que seria preciso pra isso muitos outros trabalhos.

UM NOVO PENSAMENTO NECESSITA DE UM NOVO SISTEMA

Nossas formas de produção⁵ artística (ou *poética*, no sentido de criação) tem muito a ver com nossas relações na comunicação/informação que por sua vez influenciam nossa vida em sociedade, como escreveu o filósofo polonês Kolakowski⁶ “real é aquilo que é real dentro das regras de comunicação humana estabelecidas historicamente”, mas a escola também não pode estar separada disso; com relação a esta forma⁷ e com nossas construções de um cotidiano que já vem agindo sob outras normas de uma concepção de dia, ou seja, horário e maneiras de trabalho contrapondo lazer, isto significa que esta concepção ampliada, *mundializada*⁸ (para usar um termo possível na atualidade) que seguimos numa certa

⁴ “Doutrina que tomou para si a defesa e a realização da liberdade no campo político. Nasceu e afirmou-se na Idade Moderna e pode ser dividida em duas fases: 1- do séc. XVIII, caracterizada pelo individualismo; 2- do séc. XIX, caracterizada pelo estatismo. Ia A primeira fase é caracterizada pelas seguintes linhas doutrinárias, que constituem os instrumentos das primeiras afirmações políticas do L.: *d) jusnaturalismo* (O, que consiste em atribuir ao indivíduo direitos originários e inalienáveis; *b) contratualismo* (v.), que consiste em considerar a sociedade humana e o Estado como fruto de convenção entre indivíduos; *c) L. econômico*, próprio da escola fisiocrática, que combate a intervenção do Estado nos assuntos econômicos e quer que estes sigam exclusivamente seu curso natural (v. ECONOMIA); *d) como consequência global das doutrinas precedentes, negação do absolutismo estatal e redução da ação do Estado a limites definidos, mediante a divisão dos poderes* (v. ESTADO). O postulado fundamental dessa fase do L. é a coincidência entre interesse privado e público. Jusnaturalistas e moralistas, como Bentham, acreditavam que bastava ao indivíduo buscar inteligentemente sua própria felicidade para estar buscando, simultaneamente, a felicidade dos demais. A doutrina econômica de Adam Smith baseia-se no pressuposto análogo da coincidência entre o interesse econômico do indivíduo e o interesse econômico da sociedade” in ABBAGNANO. 1998, p. 616.

⁵ Havia usado aqui o termo *gramática*, no sentido aplicado às regras de uma linguagem, sejam elas quais forem, já que nas esferas artísticas é comum tal designação, porém optei por substituí-la para não causar incomodo aos linguistas.

⁶ KOLAKOWSKI, Leszek. *Horror Metafísico*. 1990, p. 30-31.

⁷ Também a ideia-forma que se constrói com a dialética própria da condição pós-moderna.

⁸ A definição mais interessante sobre o termo, ao menos por hora, é de que diferente da *globalização* que visa uma homogeneidade, a *mundialização* “visa à diversidade, à multiplicidade, permitindo o reencontro das comunidades, da cultura, dos indivíduos, acelerando a exposição à alteridade”. Conf. **Mundo latino e**

experiência hiperdadaísta e eterna, apesar de sabermos que termos deste tipo serem de difícil aceitação num tempo onde a efemeridade dos mesmos beira a certo *hype hallucination*⁹, o que talvez nos apresente a necessidade que há de certa acalmada pelo excesso, o que seria uma sobreposição do contemporâneo, e que já se nota nas próprias elegias pós-modernas que são as anunciantes de tendências; o importante aqui é atentar a valores básicos que possam apenas apreender nossas necessidades estruturais, e não se apegar a estes objetos voláteis característicos deste tempo já que a “saturação das alternativas de prazer torna-nos menos capazes de senti-lo. Daí que ele seja mais falado do que vivido”¹⁰, mas é justamente mexer com aquilo que deveria dar um pequeno passo de consciência e não necessariamente os saltos de técnica e seus aportes adjacentes, “não apenas comemos um determinado prato, mas o vemos fotografado, videoteipado. Não apenas vamos a um determinado lugar por sua beleza, mas a experiência é antecipada e depois reproduzida”¹¹, isto acaba vindo intrincado neste *lifestyle* contemporâneo, e o que nos eleva também nos angustia, como podemos ver no vídeo “Nós todos queremos ser jovens”¹² que mostra que com a velocidade que esta geração produz e sua possibilidade de alcance global também acaba acarretando uma “ansiedade crônica”, portanto vê-se necessário uma escolha por filtros que façam jus ao indivíduo, mas para que este indivíduo não se perca na multidão é preciso entender que “o pós-moderno não é o lugar do individualismo, mas dos particularismos”¹³.

Toda esta conexão e remixes fez com que o pensamento desta geração funcionasse e apresentasse uma linguagem não linear e que fosse trazido uma diversidade tão grande de mundos que não caberia em décadas anteriores, “ao contrário do que sempre se esperou, a comunicação integral não leva necessariamente à homogeneização: embora essa tivesse sido a expectativa moderna e a base de suas interpretações”¹⁴, mas esta linguagem traz uma outra

mundialização, p. 26. <https://books.google.com.br/books?id=gBncL--Z7E4C&pg=PA26&lpg=PA26&dq=termo+mundializa%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=nmxIrmYS3Q&sig=yegyEBqHxF737VxLDYozOUBIC1g&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CCQQ6AEwAWoVChMI-Lrs7YLUxwIVQyOQCh0iyAKE#v=onepage&q=termo%20mundializa%C3%A7%C3%A3o&f=false> Acesso 31/8/2015.

⁹ O desejo desmedido pela novidade.

¹⁰ ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Travessia do Pós-moderno nos tempos do vale-tudo*. 1994, p. 104.

¹¹ ZAJDSZNAJDER. 1994, p. 103-104.

¹² O Filme 'We All Wanna Be Young' é o Resultado de Diversos Estudos realizados Pela BOX1824 nos últimos 5 anos. A BOX1824 é uma Empresa de Pesquisa Especializada em Tendências de Comportamento e Consumo. Este Filme possui Licença Aberta Pelo Creative Commons. Roteiro e Direção: Lena Maciel, Lucas Liedke e Rony Rodrigues – disponível em <https://vimeo.com/16641689>.

¹³ ZAJDSZNAJDER. 1994, p. 9.

¹⁴ *Idem*. p. 122-123.

relação com o mundo o que nem sempre fica muito fácil evidenciar ou até transmitir para que se tenha um resultado no mínimo satisfatório de algum emissor, “não podemos ter qualquer certeza sobre o potencial escondido da linguagem”¹⁵ ainda mais com os novos meios, as mídias que formam uma relação anarquista no ciberespaço, hoje o jovem não precisa mais ser “isto ou aquilo”, pois sua construção se dá em um mundo tão mais plural de possibilidades que as definições vão evaporando; a filósofa Viviane Mosé diz que:

A sociedade é determinada pelos meios que ela criou, esta é a dificuldade de passagem, eu estou lidando com meios democráticos que fazem com que um cara como Eike Batista perca cem posições como mais rico do mundo em seis meses e um garoto de quinze anos crie uma empresa e com dezessete ele vende por trinta milhões de dólares, isso seria impossível a trinta anos atrás por causa dos pré-requisitos, ele teria que primeiro fazer faculdade, depois formar na faculdade pra depois inventar alguma coisa ... então isso arrebenta os pré-requisitos sociais, isso arrebenta tudo que a gente tinha pensado como ser humano, e isso por um lado é ruim porque vocês que estão hoje na universidade estão exatamente entre as duas coisas, vocês tem um pé no passado e outro lá no futuro ... mas a tendência é que a gente reestruture, eu não consigo imaginar algo mais benéfico do que pessoas vivendo e podendo se expressar abertamente e podendo criar os canais de expressão, o ser humano é igual a expressão ... então a internet permite que cada um de nós possa ser aquilo que quer.¹⁶

Penso que o movimento natural disso são as quebras de certos preconceitos culturais já que as ligações são fundamentais para o próprio modo de andar desta geração,

os jovens Millennials são pragmáticos. Eles também são mais realistas. Seus grandes ídolos não são figuras totalmente idealizadas. Mas sim, pessoas comuns que realizam pequenos e possíveis sonhos. Que não são utópicos. Eles são o rosto da nova economia comandada por open source e crowdsourcing. E iniciativas independentes que com o poder da internet, podem ter um impacto imensurável. Essa consciência coletiva é o zeitgeist do futuro, levando a um cenário de oportunidades.¹⁷

Como a Viviane Mosé trata na entrevista, há um problema em nossa universidade que não está sendo discutido, tem-se discutido a escola básica, mas a universidade parece ainda intocável, pois o pensamento que lá paira é de um espírito do passado, sabemos que ainda existe um poder institucional que muito nos prejudica, que prejudica o desenvolvimento

¹⁵ KOLAKOWSKI. 1990, p. 61.

¹⁶ Entrevista concedida a UNA TV – disponível em http://youtu.be/vqkUWJINT_k.

¹⁷ BOX 1824 'We All Wanna Be Young'.

natural da sociedade, sabemos muito bem que “essas histórias religiosas ou políticas, filosóficas ou morais que cativaram por longo tempo não se foram instantaneamente, mas permaneceram em nossas mentes após ter sido perdida a própria vontade de nelas crer”¹⁸ e isto vamos analisar com mais atenção no capítulo onde dialogamos com a ideologia marxista de Paulo Freire inserida em sua pedagogia, vendo como pode se apresentar prejudicial ao desenvolvimento de nossa nação em devir. Mas antes iremos abordar a educação social a partir do niilismo como alternativa dentro deste furacão contemporâneo, já que como escreveu Luciano Zajdsznajder a mais de 20 anos já tendo consciência do que estamos vivendo, “o pós-moderno pode ser a descoberta de que não existe o lugar, o ponto de chegada à terra prometida”¹⁹ e é sob a “lápide pós-moderna do eterno”²⁰ agora que devemos pisar e seguir na alegoria que caiba aos nossos bolsos de um terceiro-mundo mais participativo de um possível mundo global, onde a ideologia seja substituída (e explicaremos porque) pelo entendimento de que “a beleza de tudo é a certeza de nada”²¹.

EDUCAÇÃO SOCIAL COMO PRÁTICA NILISTA E ALTERNATIVA ÀS IDEOLOGIAS

Quando as pessoas entram em um movimento passam a acreditar em uma verdade, elas passam a ter uma verdade, seja a ideologia que for, por maior agregadora de conhecimentos intelectuais ela só poderá anular a visão de mundo que abarca a multiplicidade do mesmo. A dedicação aos nichos sociais reduzem o mundo de tal forma que todos os signos externos passam a colaborar em associações esdrúxulas com estes grupos. Todo contexto do objeto associado é anulado e só passa a existir o contexto *associador*, do *associador*, o que revela somente uma ignorância exacerbada de mundo e com o próprio indivíduo, a essas tentativas de saber que se fecham é que a sociedade se perde. Se de início tínhamos a força da religião, este “mal” se dividiu em milhares de outros problemas históricos, as linhas políticas, e as linhas de “estilo de vida”; os mestres, grandes culpados, ao “revelarem”, na realidade fecharam as possibilidades e ao pregarem a justiça desvirtuaram - através do poder ideológico

¹⁸ ZAJDSZNAJDER. 1994, p. 84.

¹⁹ *Idem.* p. 1.

²⁰ LOBÃO. *Mano Caetano*. 2001.

²¹ LOBÃO. *Uma delicada forma de calor*. 1999.

que se formou neles - toda e qualquer liberdade de indivíduos, já que até “os homens do paleolítico não deviam ignorar o crime, a cobiça, a disputa”²². Muitos movimentos se apresentam vestidos com roupas atuais, mas na verdade escondem um ser tomado pelo espírito do passado, eles vendem, - e segundo Zajdsznajder - “esconde”; este ainda cita Nietzsche pra dizer que usam máscaras, eles escondem-se e por isso são ultrapassados, mas “o que há a esconder é que não há nada a esconder”²³ sendo que “o pós-moderno não se apresenta como uma ideologia ou um modo de pensar. Parece mais uma condição a que se chegou quando o mundo moderno atinge o seu limite e começa a desaparecer”²⁴, nesta condição nos inserimos e com esta condição alguns batalham para frear suas contingências.

Uma interpretação similar poderíamos encontrar na alegoria da caverna quando a personagem do Sócrates a explica para Glauco:

A ideia do bem representa o limite extremo e a custo discernível do mundo inteligível, mas quando compreendida, se impõe à razão como a causa universal de tudo o que é bom e belo²⁵. Ela gerou no mundo visível a luz e as fontes de luz, enquanto que no mundo inteligível ela mesma abre as portas da verdade e da inteligência e quem queira se portar sabiamente em particular e em publico deve contemplar essa ideia.²⁶

O que ocorre, porém nos casos de assumir qualquer causa é que paulatinamente as formas vão se modificando, ao se inserir no nicho a visão vai se adaptando às cores do local até formarem sem se perceber outra visão de mundo, a visão da ignorância (pois foi atingida por tendência externa), é neste momento que todos os outros signos se adaptam a compreensão do microsistema, naturalmente este desenvolverá suas teorias baseadas nesta realidade, reorganizando os signos e verdadeiramente criando sobre signos históricos o pastiche, porém no nicho o pastiche tem valor universal como se fosse signo puro (verdadeiro como sentido), por isso continua o filósofo:

²² LANGANEY; *et al.* *A mais bela história do homem*. 2002, p. 85.

²³ ZAJDSZNAJDER. 1994, p. 35.

²⁴ *Idem.* p. 32.

²⁵ Deixando claro que aqui se trata da visão do mundo segundo Platão, por isso estes conceitos (como *bom* e *belo*) entram no jogo, o que quero deixar claro é que tanto faz se for visto por uma visão de “mundo superior” ou material, como causa nos atores permanece ocorrendo o mesmo fim, pois de qualquer modo passa-se a crer que houve tal alcance (como um esclarecimento, mas que talvez jamais seja podido sob compreensão universal diante da pluralidade discutida acima), então se no caso platônico a ignorância pertence à empiria, em outro pode ser o oposto.

²⁶ PLATÃO. *A República*. 2007, p. 246.

Um homem sensato, porém, haveria de se lembrar que as perturbações que afetam os olhos são de dois tipos e tem duas causas: a passagem da luz para a sombra e aquela da sombra para a luz. Aplicando isto à visão da alma, não haveria de rir tresloucadamente quando visse uma alma perturbada e incapaz de discernir alguma coisa, mas se perguntaria se não estaria conturbada pela falta de adaptação porque proveniente de uma existência mais luminosa ou se, ao contrário, estaria ofuscada por uma luz mais resplendente porque proveniente de uma condição de ignorância maior. Então, no primeiro caso, haveria de se cumprimentar por seu embaraço, tendo em vista sua condição superior, mas se lamentaria no segundo caso. Mas se quisesse rir-se desse estado, seu riso seria menos inoportuno para a alma que visse do alto e da luz.²⁷

Porém isto implica aceitar uma posição superior, o que não é de todo errado, mas isto abre a possibilidade de aceitar toda e qualquer condição de certo esclarecimento quando em verdade todo nicho social se vê como esclarecido, os próprios homens na caverna não podem ser retirados das suas representações por qualquer outra força que compreenda outras representações, com isso o ciclo permanece e permanece este erro em toda caminhada histórica, a filosofia, porém, pode ou veio, para nos ensinar a terceira via, que pode ser exemplificada se este homem que saiu da caverna, após longa adaptação na claridade também colocasse em dúvida sua condição de estar, ou seja, precisamos por em dúvida a própria “ideia de bem” que Platão coloca como limite extremo.

Lembremos que nosso mundo é formado basicamente pelo conceito, por isso a deficiência da comunicação, pois “todos nos tornamos em certo grau inventores de linguagens”²⁸ e com isso o professor de história da filosofia nos lembra dentre tantos exemplos que a coisa está sujeita à definição, de um onde diz que “regras vêm primeiro, a realidade depende delas. Deus não existe na Albânia, mas existe na Pérsia”²⁹, mas quando negamos tais concepções incorremos nestas atitudes que preservam embates, pois não tratamos sobre os conceitos próprios e recaímos às generalizações que se formam em grande parte pela unilateralidade justamente destas verdades definidas e fechadas nos/pelos nichos sociais, que em algum momento da história possam ter precisado disso, mas que na atualidade parece muito difícil ainda pensar que uma cultura que pode ser prejudicial a outra deva ser tratada com respeito (que seja mantida e subsidiada e fomentada como tal), sendo que a

²⁷ PLATÃO. 2007, p. 247.

²⁸ ZAJDSZNAJDER. 1994, p. 27.

²⁹ KOLAKOWSKI. 1990, p. 10.

cultura da humanidade deve ser aquela que irá almejar certa harmonia, ou seja, que esta não queira anular o outro.

A preocupação dos homens empenhados sobre ativismos ou meramente por ritos que convencionaram as aparências do que é o belo social geram na alma destes que se apresentam límpidos por fora, desgastes e conflitos passíveis de morte em decorrência da fragilidade diante da realidade que se apresenta distante de perfeita como o ser humano é levado a crer, seja nas tradições históricas ou nas microtendências, onde sempre há um discurso de verdade, sendo que “uma mente perfeita sabe que todas as verdades são analíticas”³⁰, e onde a ideologia se apresenta como a mais perigosa de todas. Estas certezas só podem nos causar dúvidas, mesmo porque “a verdade que é centrada em si própria, não intencional e ainda verdadeira, não potencial, parece estar além de nossos recursos conceituais”³¹.

Vamos apresentar o exemplo de quando chamam Hipócrates para tratar Demócrito que todos em sua cidade achavam estar louco, este já prevê um possível caso de melancolia, porém aqui apresentando outras conexões, já a frente do que podemos discutir no existencialismo cristão, sendo que este precede uma análise niilista, neste ponto numa suposta carta enviada à Filopemen, Hipócrates escreve:

Não são apenas os loucos que procuram as cavernas e os lugares tranquilos, mas também aqueles que por terem a alma em paz acabam por desprezar os assuntos dos homens.

Quando o espírito, oprimido pelas inquietações exteriores, aspira ao repouso do corpo, evade-se para os lugares tranquilos; e aí, desperta logo cedo, faz em si mesmo o percurso do país da verdade, onde não existem pai, mãe, esposa, crianças, irmão, irmã, parentes, servos, fortuna, absolutamente nada que provoque agitação; intimidadas, todas as causas de inquietude vão para longe e não ousam aproximar-se, por respeito aos habitantes do país; e os habitantes desse país são todas as artes e virtudes, os deuses, os demônios, as vontades, os pensamentos.³²

Importante salientar que esta noção básica niilista já estava presente na antiguidade nos mestres de religiões orientais, mas sua essência foi trocada na atualidade por propostas mecânicas que buscam resgatar alguns daqueles valores, porém não é isto que importa e que fará sentido num verdadeiro niilismo nos dias de hoje, mas a adaptação para o “novo” mundo

³⁰ KOLAKOWSKI. 1990, p. 85.

³¹ *Idem.* p. 44.

³² HIPÓCRATES. *Do riso e da Loucura – O inteligente sorriso dos Deuses perante a pobre loucura dos Homens.* 2009, p. 40-41.

do sentimento em questão (aqui optei pela palavra “sentimento” pois deixa mais claro neste momento do que estamos tratando). Este sentimento carrega uma cadeia que puxa a honestidade do próprio pensamento, a busca pela verdade³³, a conscientização de certa incapacidade, principalmente com relação a esta verdade e conseqüentemente a desvalorização da opinião.

Temos claro que em nossa sociedade a *doxa* tem se mostrado um problema muito sério, devido seu excesso em contraponto a escassez da *episteme*, sendo que de qualquer forma por mais que pareça bela, a opinião se apresenta “altivamente, com uma atitude mais intrépida”³⁴, quando temos então uma noção incrustada desde muito e desde a base de formação por este outro sentimento (ou aqui poderíamos também chamar de espírito), obviamente apresentamos falhas sociais permanentes e incapazes de sofrerem renovação, pois a serpente que mata e ressuscita passa distante desta devido a comodidade em si do estado que se insere tal nação/sociedade.

A todos os objetos de opinião podemos chamar de valores artificiais. Estes valores carregam os objetos e os homens então se empenham sobre eles, tanto o amor quanto o ódio, e tudo que pertence a estes no ínterim, suas variações, seus objetos de cultura e a tradição, além dos ritos, de tudo isto Demócrito ria exageradamente na parábola e era chamado de louco por seu riso, mas quando na realidade o riso era por ver a loucura dos homens e todos os males causados por estes processos culturais do valor³⁵, pois todas estas paixões sobre objetos só causam destruições para os próprios seres humanos, enquanto a indiferença leva à paz e harmonia.

Demócrito então critica as paixões mesmo as que almejam o sucesso seja do casando “feliz para sempre” ou a educação “vitoriosa” de um filho, pois acabam sendo desejos externos que levam ao incômodo da alma. Contrapondo isso ele diz dentro da possibilidade de sanidade:

Aqueles que, ao contrário, se preocupassem em fazer tudo em função dos seus próprios meios, esses protegeriam a sua vida do fracasso conhecendo-se na perfeição a si mesmos, estando claramente conscientes das suas próprias raízes, não ostentando indefinidamente o ardor do desejo, contentando-se

³³ Verdade aqui não como posta e definida, mas como busca daquele que almeja sempre seguir.

³⁴ HIPÓCRATES. 2009, p. 59.

³⁵ *Idem.* p. 80-82.

apenas com a contemplação da abundância da natureza, aquela que tudo sustenta.³⁶

Analisando uma geração que tendendo por *affair* ao marxismo se diz ativista e vê em seu nicho de atuação a verdade e a resolução dos problemas dos homens, que cercados por ignorâncias e empenhados sobre um único foco enxergam um todo muito limitado, esta geração como já foi dito, guiada basicamente pela *doxa*, só pode gerar grande mal com seu bem, com a “boa vontade”, esta não curará os homens, mas o remédio que é apresentado desta forma, como o paliativo na educação, por exemplo, só irá intensificar os males já existentes nesta alma social. Por isto Zeus castigava Asclépio, pois certas medidas que parecem boas aos homens podem alterar a ordem do mundo, neste caso, uma nação que sofre deficiências históricas exposta a condições parciais de mudança que não alcançarão jamais uma totalidade na mesma, mas que poderão sim, desencadear ainda outros males; por outro lado a indiferença à um foco e a atenção a uma resolução do todo pela gradativa e progressiva mudança é que podem fazer alguma diferença no devir, já que “a verdade exacta, ninguém a conhece, ninguém a testemunha (*sic*)”³⁷, assim como Borges escreve num conto do Livro de Areia³⁸: “Para ver uma coisa, é preciso compreendê-la... Se víssemos realmente o universo, talvez o entendêssemos”; mas nem nos muitos universos sociais que vivemos conseguimos separar tais diferenças que acabam implicando os conflitos, em grande parte pela falta de jeito de lidar e gerando relações ruins, sobretudo porque no Brasil se delegou tudo à educação como causadora dos males, quando, porém, é dito educação é sobre a educação da instituição escolar e não educação social. Bertrand Russel³⁹ diz que “uma vida plena envolve muitas coisas além da virtude – a inteligência, por exemplo” e mais a frente ele completa dizendo que “para construir uma vida virtuosa, precisamos erigir a inteligência, o autocontrole e a solidariedade”⁴⁰, coisas que a escola jamais estenderá ao indivíduo a ponto deste a partir da mesma representar e apresentar uma nova sociedade, mesmo porque em relação a malevolência Russel diz que “são elas, creio eu, em partes sociais, em parte fisiológicas”⁴¹; o que é preciso assimilar é que sejam em nichos sociais ou em correntes filosóficas haverão as divergências de tal modo que não podemos cair num fascismo mesmo disfarçado de direitos

³⁶ *Idem.* p. 85.

³⁷ *Idem.* p. 93.

³⁸ BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. 2012, p. 44.

³⁹ RUSSEL, Bertrand. *No que acredito*. 2011, p. 79.

⁴⁰ *Idem.* p. 82.

⁴¹ *Idem.* p. 86.

humanos, quando as opiniões minoritárias passam a imperar inclusive sobre leis; devemos compreender que “todos os grupos tendem a criar seu dialeto e seus ritos”⁴², agora, crer que há verdade contida nestes fatores e verdade sempre anula o que se considera outro, pois vê neste a inverdade, quando esta fé - e sempre se trata de fé -, parte para o conflito, por mais que se pregue nisto certa liberdade democrática, ocorrem condições ruins (evidentemente que devemos ser favoráveis ao debate, mas neste caso não há debate, pois o discurso ideológico não é aberto a isto), como escreveu Price:

Em situações de conflito, visões que não nos são próprias parecem ameaçar e causar danos: elas se apresentam não como fontes de variedade reanimadora ou de competição saudável, mas como objetos de hostilidade. Podemos apreciar a contradição, e beneficiar-nos da competição, no entanto, as partes de um conflito não são apenas rivais, mas antagônicas. O conflito é sempre desconfortável.⁴³

E o que o desconforto do conflito pode nos causar senão danos às relações humanas, diferentemente da inquietude benéfica que é quando elevamos nossos parâmetros de comparação e nos colocamos onde talvez não queríamos a principio, isto pode ser colocado como uma queda (de realidade), que em educação é sempre bom pois a retração leva a uma impulsão que altera a caminhada, ampliando sempre as possibilidades; já o embate de ideias sempre sobrecarrega, apesar de que também se é possível tirar o bom se o sujeito estiver aberto à reflexão, mas na maioria dos casos, o tempo desperdiçado por tais conflitos nos aproximam mais da depressão do que do avanço.

Devemos regredir ao máximo a noção de natureza⁴⁴ mesmo que nossa espécie se faça somente sobre a artificialidade da Razão, para isto é necessário que a humanidade deixe a infância, esta que dá valor às coisas burocráticas e de poder, esta que faz a guerra e transforma signos medianos em questão de vida ou morte; ao sairmos da infância o adulto irá de encontro ao ceticismo⁴⁵ este gerará a sociedade niilista, onde os valores se reduzirão ao básico da boa vivência, se aproximando portanto do instinto, este que mostra como a espécie se relaciona em seu habitat, claro que em nosso caso precisamos passar por certo processo que é diferente

⁴² BORGES. 2012, p. 25.

⁴³ PRICE, A. W.. *Conflito Mental*. 1998, p. 17-18.

⁴⁴ Aqui não a natureza do indivíduo, mas a ideia de uma natureza coletiva que quer voltar suas relações primitivas, revertendo elas em arcaísmos.

⁴⁵ Este não aplicado de forma restrita à noção religiosa, mas como um estado natural de aceitação das condições do homem em sociedade.

das demais espécies, mas para darmos o primeiro passo é necessário tomarmos consciência que os *ideologismos* são nossos principais inimigos; por isso lembremos o ensaísta luso-brasileiro João Manuel Simões quando diz: “assim quem vive gritando – mudança já! – conseguiria exatamente o mesmo resultado permanecendo em silêncio absoluto”⁴⁶. Analisando neste sentido na educação institucional até o escritor tcheco Milan Kundera em seu mais famoso livro “A insustentável leveza do ser” coloca que “o que diferencia aquele que estudou do autodidata não é a extensão dos conhecimentos, mas os diferentes graus de vitalidade e de confiança em si”⁴⁷

Por isso questionamos as causas a que estamos usando a educação com certas metodologias e conceitos que a permeiam, será apenas pretexto para sustentar um foco em ideia que vem para manter algum poder?

A IDEOLOGIA⁴⁸ DE PAULO FREIRE E SUA INFILTRAÇÃO⁴⁹ NA PEDAGOGIA BRASILEIRA

Primeiramente temos que deixar claro neste capítulo que surgiu para dialogar sobre alguns aspectos colocados pelo próprio Paulo Freire e suas consequências dentro de nossa concepção à realidade da educação no Brasil dos dias atuais, que iremos abordando no decorrer no mesmo.

Usando a própria teoria de Paulo Freire sobre uma crítica nos educadores e educandos, podemos pensar que aquela pessoa “muito culta” que não contextualiza as teorias dos muitos livros à sua realidade, não necessariamente pensa “errado” como afirma o autor da Pedagogia da Autonomia, mas que este, seja educador, educando ou ambos - como prefere o escritor -,

⁴⁶ SIMÕES, João Manuel. *Imprensa – escritos esparsos*. 1987, p, 90.

⁴⁷ KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. 1988, p. 49.

⁴⁸ Em todo o trabalho, sempre que for falado de ideologia, estará se utilizando do conceito exposto no primeiro texto em anexo: *Sobre ideologia*.

⁴⁹ A infiltração se dá de várias formas, mas principalmente no período final do regime militar quando marxistas mais *ferrenhos* puderam enfim assumir o posicionamento militante dentro das universidades; obviamente que o problema do desequilíbrio na educação brasileira esteve presente desde sempre, em todos os seus movimentos e escolas, como nos casos do positivismo, por exemplo, e todas as discussões propulsionadas pelas disputas políticas. Para saber mais sobre o assunto pode ser consultados inúmeros materiais específicos, dentre estes o livro *História das ideias filosóficas no Brasil* de Antônio Paim; e mais especificamente o texto de Ricardo Vélez Rodrigues *Quem tem medo da filosofia brasileira?* disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf>

que ele talvez possa sim “pensar certo”, se de fato houver tal possibilidade conceitual disto ocorrer, mas que fundamentalmente ele possa ter uma razão maior que o faça agir negando algum possível fator contextual da sua sociedade se enxergar nisto um meio, um fim, uma precariedade, ou qualquer deformidade que ainda não permita que se exerça algo sem alterar outras rotas, e possa ser causa inconsequente, se for uma decisão consciente; ou nas decisões inconscientes que podem ser causadas por n fatores. E o que parece mais assustador⁵⁰ é a afirmação que fala sobre o “docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo”⁵¹, sobre este “pensar certo” iremos discorrer em seguida.

Paulo Freire consegue manter sua coerência pedagógica essencial apesar de recair em seus ativismos vez por outra, por isso devemos tomar apenas o que favorece realmente um processo educacional em sua teoria. Geralmente os utópicos da esquerda⁵² tendem a acreditar em verdades absolutas elaboradas por seus universos (principalmente referente ao modo de ver e compreender o mundo⁵³), como quando, por exemplo, ele realmente crê que haja um pensar certo e que este é repartido de certa forma. Ele diz em dado momento que “o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador”⁵⁴, o que parece uma forma de limitar ou declarar certezas no campo incerto, já que em outro momento ele diz que a pedagogia que ele assume deve conter o educador democrático que reforça além da crítica e da curiosidade, também a insubmissão, mas estes educadores - que por maior incerteza dentro da ideologia proposta - devem manter a dúvida quanto a certeza. É fato que se creem estarem no pensamento certo, enxergarão a insubmissão como oposto, ou seja, pensamento errado, a “dúvida rebelde” - para colocar outro termo do professor Freire -, só parece viável em localidade arbitrária no processo educador-educando, ou seja, quando o educador concorda com o posicionamento ou quando este segundo o entendimento de mundo que possui o “pensamento certo” não o têm diante do educando que se adéqua a tal concepção, podendo assim “rebelar-se” contra a expressividade

⁵⁰ Pelos menos a mim se faz assustador, visto todo discurso para uma educação que humaniza, que aqui acaba descambando a arbitrariedade do “pensar certo” como algo possível em composição e formalidade, em certo grau em formalidade me parece viável, mas tenho dúvidas quanto a localidade e método de aplicação.

⁵¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 2010, p. 27.

⁵² O que convencionou chamar esquerda no cenário político brasileiro.

⁵³ Esta noção ficará mais clara no texto destinado à ideologia.

⁵⁴ FREIRE. 2010, p. 39.

da situação que exige nos moldes dessa política⁵⁵ tal volição, mas dentro de que contexto e sob qual construção poderia de fato obter sucesso um suposto “pensamento certo” a ponto de rebelar-se? mesmo porque não vejo a necessidade que a *dúvida* por si só precise ser acrescida do *rebelde*, o que obviamente nos leva a outro patamar de discussão semântica.

O que deve ser reavaliado são terminologias usadas com pesos políticos, neste caso até mesmo uma proposição de humildade acaba sendo somente uma proposição hipócrita. Paulo Freire diz, por exemplo, que “pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo –⁵⁶, mas não necessariamente, ela é sim um ato certo, mas pode ser um ato que por normas políticas seja necessário, mas que contradiga o pensamento do educador em essência⁵⁷, sendo assim um gesto hipócrita se pensado como certo, mas um gesto honesto se pensado como necessário apesar de não concordar com o pensamento (se diante das contradições destes posicionamentos onde ora devem se posicionar respeitando o outro mundo que é o aluno, ora dar um posicionamento para este que corresponda com sua situação; ou quando deve-se ensinar a pensar certo e onde neste ensinar não há transferência, devemos então entender que aquele que *pensa* ter o pensamento certo possui também um poder nos moldes espirituais, onde sua presença como entidade pertencente a um modo de ver o mundo lhe basta para realizar tal pedagogia, sendo assim, também vejo esta proposição como uma hipótese que acaba tendo que encerrar-se naquele mundo que precisa pensar do mesmo modo, o que para eles é “pensar certo”, apesar de que como proposição pedagógica sem ter no pensamento certo a base de sustentação, o método sim faz sentido e se faz de grande valia se aplicado sem seus aspectos externos, ou seja, ideológicos), portanto aqui a indiferença se faz nobre e não raivosa como pensa o professor e seu pensamento marxista.

O peso exercido pela *persona* do professor é demais, e se este é emissor de ideias políticas, como defende Paulo Freire, então de alguma forma ele se torna um doutrinador, mesmo que através da mínima sutileza das suas projeções argumentativas. Evidente que a defesa niilista não é fatalista como ele acusa os chamados neoliberais quando diz que os mesmos insistem que a realidade seja esta mesma e que haja um determinismo histórico⁵⁸,

⁵⁵ Não se trata de política partidária, mas mais ampla, como posicionamento, sendo este também um termo de aplicação de Paulo Freire na pedagogia.

⁵⁶ FREIRE. 2010, p. 49.

⁵⁷ Neste caso se trata apenas de uma hipótese, pois seria muito pouco provável alguém consciente exercer tal prática como mero método.

⁵⁸ FREIRE. 2010, p. 75.

mas ele acaba sendo o extremo oposto disso com suas ideias políticas inseridas na pedagogia, o que o niilismo percebe como sendo mau qualquer extremismo, seja o fatalista ou o utópico, já que tratamos sempre do pressuposto do niilismo ativo, que é aquele que visa a mudança, portanto que não aceita o fatalismo da condição atual, mas também não podendo agir sob hipóteses que não dão garantia e que por consequência pode vir a prejudicar qualquer bom andamento, como as baseadas em utopia.

É importante que as pessoas tenham sua(s) própria(s) fé baseadas em suas características de indivíduos, isto é diversidade e tratar numa mesma condição a todos é respeito pela igualdade da espécie, mas quando inicia o proselitismo então tem início a regressão da sociedade⁵⁹. Quando o educador realmente acredita e publica palavras como estas: “não posso proibir que os oprimidos com quem trabalho numa favela votem em candidatos reacionários, mas tenho o dever de adverti-los do erro que cometem, da contradição em que se emaranham”⁶⁰. Sendo assim ele pretende anular toda possibilidade dada pelas características naturais e possíveis em nome de *ideologismos* que são maneiras atrasadas de dominação, sendo a dominação mental muito mais assustadora que a de signos⁶¹ de uma sociedade múltipla que de alguma forma é afetada pelo seu próprio movimento. A começar pela voz do professor em sala que detém tal poder que qualquer opinião contrária de um aluno se transforma em algo esdrúxulo, por inumeráveis motivos, mas dentre os principais que, na maioria este não está ainda capacitado de defesas e argumentações para aquilo que o identifica, não sendo ali um local para este tipo de matéria, que sabemos, também ser específica e necessitar de dedicação e não ser usada aleatoriamente como ideologia infiltrada como doença que apodrece as demais matérias do currículo. Assim uma fala de Paulo Freire como:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da

⁵⁹ Já que ao invés de acompanhar o fluxo que tende à pluralidade, volta-se a consciência de massa, neste caso, dominação e poder, mas das maneiras mais primitivas que é a ocultação e deturpação daquilo que é oposto ao dominador. Lembrando que todas estas questões estão sendo pautadas nas formas de pensamento estruturadas pelo modo de enxergar este mundo, assim acho desnecessário daqui para frente ter que voltar a estas definições, pois as mesmas irão se definindo e se apresentando pelo trabalho, sendo que o ponto de oposição se faz de forma já declarada como método, como quanto ao meu ponto que como também já deixei claro no início; portanto em todos estes conceitos e proposições a fundação permanece a mesma e desse modo o leitor deve de alguma forma contextualizar cada passo pela forma já esclarecida na apresentação, mas que porém em nenhum momento se ausenta.

⁶⁰ FREIRE. 2010, p. 80.

⁶¹ Como na sociedade do espetáculo, que será melhor discorrida posteriormente.

humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.⁶²

Esta fala acaba suplantada pelo valor ideológico e confiança aplicada a certos educadores elitistas da esquerda mesmo.

Infelizmente só posso imaginar ser culpa de Paulo Freire a forma que muitos professores tinham (e tem) de agir perante crianças e adolescentes quando doutrinavam (ou tentavam, já que o desejo de criar neófitos parece exacerbado), quando expunham de forma muito tosca⁶³, - diga-se, analisando hoje -, suas convicções políticas; e só posso pensar que estes educadores medíocres no conteúdo (alguns podiam ter boa didática) não resolveram agir assim depois de lerem tal atrocidade⁶⁴: “não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente”⁶⁵; depois ele segue dizendo que deve ser um interferente no espaço pedagógico advertindo para que outros sejam assim, visto que ele dizia que havia uma ideologia dominante, o que talvez faça algum sentido no seu tempo, mesmo que atemporalmente incorreto, porém, parece que o jogo virou e hoje é sua ideologia que domina, sendo estes seus aprendizes os que *treinam* os alunos, ele transferiu esta máxima: “minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política”⁶⁶. Ele segue sendo totalmente arbitrário por fazer uma definição para algo “maior”, a educação, a partir de uma crença política, ele leva seu particularismo a forra de forma descarada e sem vergonha, sem nenhuma humildade ou respeito ao histórico do outro, baseado, repito, na crença, de que todo aquele outro lado político é o erro total,

⁶² FREIRE. 2010, p. 123.

⁶³ Minhas lembranças a respeito são a partir do ensino médio, quando passou a ser recorrente, principalmente por parte de professores de história, todo e qualquer motivo para a demonização de tudo que era norte-americano, por exemplo, além das campanhas abertas e elogios incontáveis à Lula e PT, num tempo onde eu não possuía nenhuma consciência de qualquer estrutura política, o que me faz pensar na unilateralidade do gesto que tem como meta apenas conquistar desde a formação plantando no subconsciente resquícios para um futuro militante.

⁶⁴ Considero atrocidade porque irrompe e transgride o papel de professor.

⁶⁵ FREIRE. 2010, p. 96.

⁶⁶ *Idem.* p. 98.

chegando a escrever que “do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática *imobilizadora e ocultadora de verdades*”⁶⁷.

Adiante ele argumenta que a educação não pode ser neutra porque há discordância “entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados”⁶⁸, ele insiste que tudo acaba recaindo como passividade diante da miséria e da fome, por exemplo, mas quando colocamos aqui o “desinteresse” não é de forma alguma o abandono às causas sociais, pois evidentemente que também cremos que a luta pela melhora deva ocorrer, porém, pela evolução (científica, técnica e principalmente econômica que para ter efeito benéfico a todos deve estar fundada em condições permanentes, sendo que assim os demais aspectos serão também afetados) e não pelas utopias, pois o diálogo que se forma já não condiz com a forma da primeira metade do século XX, pois possuímos outros meios de alcançar a igualdade, meios muito mais eficazes que os reproduzidos pela esquerda até os dias atuais (principalmente pelo engessamento estatal e sua excessiva burocratização), justamente por estarem estagnados num passado, em outro mundo, com isso a escola também deve sair deste passado que é a construção política da educação de Paulo Freire e atender somente para os aspectos atemporais de sua pedagogia, como suas contribuições na alfabetização, ou até mesmo aspectos que fazem parte da sua pedagogia, mas que já estavam de certa forma presentes em outros tantos teóricos que primavam por uma escola mais livre e menos mecânica, como foi a escola tecnicista vinda da mentalidade industrial que acabou exercendo grande peso sobre toda tradição do ensino público no Brasil.

Não falamos aqui da morte da ideologia, como Paulo Freire acusa⁶⁹ que seria também uma ideologia - assim como o ateísmo acabou sendo uma crença de igual nível à qualquer religião teísta, visto que se utiliza da mesma forma para combater outro conteúdo -, mas simplesmente uma anulação, o desinteresse é uma anulação de cargas sobre, pois são estas cargas que prejudicam a sociedade e não a crença em si. Portanto, qualquer um deve permanecer acreditando em suas “ideologias”, a esquerda, a direita, o católico, o umbandista, os ateus... o que não deve ocorrer nos meios públicos é a “venda” das convicções, para obter conversões à fé em questão seja em qual campo da cultura que ela esteja inserida, e não apenas as políticas ou religiosas.

⁶⁷ *Idem.* p. 99.

⁶⁸ *Idem.* p. 111.

⁶⁹ *Idem.* p. 132.

O que entendemos é que há tal doutrinação em todos os campos do processo educacional e não apenas na relação professor/aluno, visto que isto já vem se aplicando ao aluno dos vários cursos de licenciatura, como também nos currículos nacionais, “currículo este que deve ser cumprido em sua integralidade, isto garantido pelo controle através de avaliações nacionais”⁷⁰, o que acaba fenecendo a verdade de que “o homem que se conscientiza é aquele que aprende a pensar do ponto de vista da prática de classe que reflete, aos poucos, o trabalho de desvendamento simbólico da opressão e o trabalho político de luta pela sua superação”⁷¹, já que neste sentido sua classe só pode ser a classe de “professor do curso tal” que foi consumido por uma forma de pensar, sendo agora um “pensador” de tal prática, quando na verdade ele foi inserido neste meio a ponto de ser apenas mais um reprodutor de verdades da classe. Já a via do liberalismo parece se apresentar mais coerente e honesta com uma pedagogia de Paulo Freire se esta não viesse contaminada dos ideais de esquerda, já que o “ideário de formação do cidadão livre, ativo e autônomo, ganhou espaço no meio social com a doutrina do liberalismo, que defende a liberdade individual tanto no campo econômico quanto político”⁷², pois da forma colocada sob espírito de esquerda⁷³ de Paulo Freire, vendo que este professor é parte de uma cadeia formada por, aí sim, um pensamento dominante e dominador, perguntamos qual é

a atual condição do professor em sala de aula, sua relação com a instituição, sob a ideia de gestão democrática, que o exclui na prática das decisões; questionando assim como pode se formar um aluno autônomo tendo em sala um professor heterônomo, que deve sempre agir de acordo com o determinado por outrens⁷⁴,

não seria este professor quem julgaria o bem do seu ideal, já que nem consegue julgar a si, portanto não acaba sendo responsabilidade sua tal doutrina, pois a igualdade dos homens é também o fato de que “todo o ser racional deve considerar-se como legislador universal por

⁷⁰ ZANINI, Raquel. *Autonomia em foco – pode um professor heterônomo formar alunos autônomos?*. 2013, p. 10.

⁷¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. 1994, p. 109.

⁷² ZANINI. 2013, p. 9.

⁷³ Resolvi deixar o termo mais geral, pois irá tratar justamente do aspecto geral da dominação e do controle pela via do poder estatal que irá ser estendida, portanto, como um espírito para o coletivo, assim não entrarei nos aspectos de diferenciação detalhada das linhas políticas.

⁷⁴ ZANINI. 2013, p. 10.

todas as máximas da sua vontade para, deste ponto de vista, se julgar a si mesmo e às suas ações”⁷⁵.

Se Paulo Freire traz seu conceito de “pensar certo” como pretexto à doutrinação política, portanto *meio* para implantar o que acredita, vemos que há outra via mais “desinteressada” que é a que “ao se considerar o ser racional como autônomo, nos termos kantianos, adentra-se num outro conceito denominado por Kant de ‘reino dos fins’, segundo o qual todos os seres devem se tratar simultaneamente como *fins em si* e nunca como simples *meios*”⁷⁶. Isto também nos leva a pensar a condição de poder haver o sujeito na realidade brasileira, pois se o sujeito é “aquele que se sustenta ele mesmo na existência”⁷⁷ e que pra isto precisa da liberdade para se reconhecer e, portanto, tornar-se fundamento de si que só pode ser realizado pela independência, que é justamente onde o posicionamento deste se sustentará no reconhecimento daquilo que lhe é próprio, sendo somente por ação sobre estas propriedades que o sujeito se define como humano⁷⁸.

Na educação, às práticas pedagógicas de Paulo Freire que localizam os objetos do contexto do educando suscitados aos exercícios cognitivos e cognoscitivos são os que enquadram-se numa possibilidade ao sujeito; ao contrário do que ocorre quanto ao fato ideológico, do posicionamento das tendências políticas - ou até mesmo dos demais exemplos já ditos como possíveis anteriormente -, que é justamente onde há substituição de condições, de uma possível falta de liberdade por parte do meio do educando para uma falta de liberdade proporcionada por este outro meio (a educação institucional), que talvez possa até se apresentar mais danosa por se tratar de um recurso concentrado e de relação muito mais direta quando ocorre pela educação e seus instrumentos. Por isso tratamos que este desinteresse quando aplicado pelo niilismo ativo é um desinteresse como compreensão das liberdades necessárias aos homens para que estes possam vir-a-ser como sujeitos, vendo que certos campos das faculdades humanas pertencem às ciências específicas e não devem ser tratadas de forma displicente por parte do educador e muito menos de forma a, repito, transferir um ideal formado neste por algum interesse particular para indivíduos em formação. Estes indivíduos devem ser possibilitados à liberdade de escolha, pois sobre esta que tal indivíduo pode alcançar fundamentalmente outras faculdades que o compõe, já que “existir como sujeito

⁷⁵ KANT *apud* ZANINI. 2013, p. 38.

⁷⁶ ZANINI. 2013, p. 38.

⁷⁷ VICENTI, Luc. *Educação e liberdade Kant e Fichte*. 1994, p. 8.

⁷⁸ *Idem*.

significa, assim, que não preciso referir-me a um outro ser, a uma outra existência para definir-me, para compreender-me, para justificar o que eu sou”⁷⁹ e somente exercitando e construindo esta forma de relação junto aos instrumentos de educação, e dentre estes principalmente pelo professor, é que aí sim poderemos pensar em uma sociedade no Brasil composta por sujeitos.

Fazemos este comparativo como para apresentar a existência de outra visão, propondo uma discussão mais sobre um “espírito” da educação nacional que se manifesta com suas máximas e tendências políticas e percebendo que na educação assim como na vida “a liberdade é, pois uma propriedade da vontade de todos os seres racionais, pois pensamos neste ser uma razão que é prática, e que por tal não pode receber de outrem seus juízos, mas sim deve ser sua própria autora, e assim precisa considerar-se livre”⁸⁰, só a partir do momento que aplicarmos tais liberdades que é onde também não há espaço para a ideologia que se faz como movimento unilateral num todo, é que poderemos seguir adiante, dar o próximo passo para evoluirmos como sociedade, incorporando a escola, mas principalmente para esta dialogar coerentemente com a educação social.

INDEPENDÊNCIA EDUCACIONAL

Ao que discorremos até então, podemos enfim relatar um pouco do que imaginamos ser de fato uma educação coerente ao ser humano do século XXI, não vendo, porém, nenhuma fórmula mágica ou nova, mas percebendo que muitos pensadores do passado já nos deram boas alternativas, sendo que o problema consiste nos interesses de algum poder que pretende manter as velhas formas fechadas e limitadoras. Dentre os pensamentos do passado, encontramos nas posições nietzscheanas sobre educação as mais coerentes com o espírito de formação de uma sociedade que almeja uma crescente, pois

para Nietzsche, a educação está longe de ser totalmente instruir e informar, não é uma aprendizagem no sentido tradicional do termo, mas é sobretudo fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura, quer dizer, afirmar a vida e o mundo na sua tragicidade; não se trata somente de conhecer mais e melhor o homem e o mundo, mas antes de impulsionar outras e novas

⁷⁹ *Idem.*

⁸⁰ ZANINI. 2013, p. 40.

possibilidades e aspirações naqueles homens que estivessem dispostos a isso.⁸¹

E se pensarmos que com a possibilidade da sociedade da informação também poderíamos buscar um homem mais forte, no sentido que pautado na realidade não possui mais a necessidade dos mitos, onde a consciência científica, no seu sentido mais atual e transgressor das antigas relações preconceituosas nos permitissem ao envolvimento comunitário pela via do combate saudável de ideias, assim pensamos a possibilidade também de

uma escola que não reproduzisse o conhecimento preocupada com o mercado de trabalho ou com as coisas práticas do mundo. Uma escola que se preocupasse em formar um modelo de homem. Fazer desabrochar nas pessoas aquilo o que elas são, trazer à tona suas propensões naturais (seus dons). (...) Um lugar em que se fomentasse nas crianças e adolescentes um espírito de criação do indivíduo no sentido de buscar aquilo que cada um tem dentro de si enquanto ser humano e tendo, para isso, acesso às bases originais da cultura Ocidental para, a partir delas, perguntar-se: ‘como cheguei a ser o que sou?’ ‘Por que estou neste mundo?’ ‘Qual papel me cabe na sociedade em que vivo?’ ‘Qual minha responsabilidade frente ao meu país?’ (...) onde os jovens fossem levados a se perceber enquanto seres que são responsáveis pela construção do mundo à sua volta a partir da análise e da percepção das contradições da cultura (Bildung) na qual estão imersos desde que nasceram. Em que as frases motivadoras às crianças de jovens fossem: ‘não há nenhum Deus para salvar você’, ‘deixar os outros pensarem por você é covardia’, ‘o único responsável por você é você mesmo’, ‘inevitavelmente você morrerá, mas e aí... o que fará com a vida enquanto a tem?’ Assim, provavelmente, seria a escola fundada por Friedrich Wilhelm Nietzsche.⁸²

Mas aí nos perguntamos por que tudo isso ainda se parece tão assustador para a tradição educacional nos dias de hoje, apesar de termos já muitos mecanismos que nos aproximam de uma ênfase em outros aspectos de nossas humanidades?

O que se mostra mais incrível em todo tempo passado estudando a educação em Nietzsche, é o fato que a sua obra referente a Alemanha do século XIX acabar sendo tão atual ao Brasil do século XXI, principalmente quanto à maneira de lidar com o que se chama cultura patrocinada pelo Estado, o que inclui a educação; ele fala que esta cultura está submetida ao dogma da política econômica onde se exige máximo de conhecimento e cultura

⁸¹ SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *A pedagogia de Nietzsche in Escritos sobre educação*. 7. Ed. – Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011. p. 45-46.

⁸² SCHULZ, Gerson Nei Lemos. *Escola livre Friedrich Nietzsche in Coleção Guias de Filosofia Nietzsche volume III – o filósofo e a educação*. p. 23-24.

numa velocidade que gera a necessidade de produção⁸³, onde gira a roda monetária sendo que esta que fornece a felicidade, sendo assim, será isto que inserido na cabeça da população o fará sentir-se como “no cume de sua época”⁸⁴, ou seja, isso faz com que os homens sejam diretamente moeda deste jogo econômico tão somente, pois são peças fundamentais disto, Nietzsche os chama de “homens correntes” pois precisam pertencer a esta ideia, por isso há o poder ideológico para que estes passem a crer na necessidade de pertencimento, por meio da concepção de que somente neste estado de coisas é que habita a felicidade, e pra isso é criada esta “cultura rápida”, pois dará a impressão da possibilidade de alcance do lucro e, portanto da felicidade.

De forma oposta, Nietzsche diz que “cada um deveria avaliar-se a si próprio com precisão”⁸⁵, pois todo este maquinário faz com que a pessoa

chega mesmo a odiar toda cultura que torne solitário, que proponha fins para além do dinheiro e do ganho, ou que demande muito tempo; aqui, se tem o costume de descartar as tendências divergentes, que apelam para um “egoísmo superior” ou para o “epicurismo imoral da cultura”.⁸⁶

O filósofo reconhece que existem pessoas que pendem mais a um tipo de formação, ou para esta formação do indivíduo, enquanto outros realmente possuem mais a característica de uma educação técnica, mas como isso não se dá de forma clara, ele então propõe que haja de fato uma educação para a cultura onde abarcaria todos, no que hoje chamamos de ensino médio, ficando ao próximo estágio a decisão das especialidades, pois desta forma, não anulamos qualquer potencial ainda não descoberto, pois ele diz que passamos por um tipo de formação científica⁸⁷, quanto a isso ele diz que “o sábio será inevitavelmente pervertido e desviado por sua educação, porque é a ciência, portanto, uma abstração desumana, que está encarregada de formá-lo,”⁸⁸. Porém, para os que estão no poder, o fato de manter a vigência deste modelo, de fomentar o enredamento intelectual, é porque estes tem “horror de toda espécie de cultura que torne o homem solitário, propondo-lhe fins superiores ao dinheiro e ao

⁸³ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. 2011, p. 72.

⁸⁴ *idem*, p. 73.

⁸⁵ *Idem*.

⁸⁶ *Idem*.

⁸⁷ Aqui precisamos atentar ao contexto do que significava em seu tempo o saber científico, que estava relacionado as especializações, portanto, segmentação do saber.

⁸⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer educador*. 2008, p. 24.

lucro, porque semelhante cultura exige muito tempo”⁸⁹ e isso também mexe com o jogo de interesses políticos, pois no imediatismo que o poder exige não se pensa a educação que gerará o homem melhor, mas aquele que propagando resultados padronizados e que nivelem todos sob a nomenclatura do bem social e que buscará conseqüentemente, para obter sucesso e unanimidade, estigmatizar “essas variedades mais sérias da cultura”⁹⁰ é isso que tem implantado a ideologia educacional e por isso o que chamamos de “esquerda brasileira” vê necessidade de executar com o domínio Estatal no maior número de áreas possíveis e obviamente não seria diferente na educação, pois esta é uma das principais maneiras de controlar. Claro que esta não seria exclusividade desta noção de Estado gigante como método, porém é onde tem se realizado com mais amplo objetivo e interesse, e dessa forma a propaganda brasileira através dos números de que mais e mais gente tem acesso à educação pode ser percebida igualmente nas mesmas que Nietzsche coloca onde:

Segundo o código moral em uso nesses meios, estima-se ao contrário uma cultura rápida e que permita aprender depressa a ganhar dinheiro, uma cultura bastante aprofundada, contudo, para permitir ganhar muito dinheiro. Concede-se ao homem somente o que é necessário de cultura no interesse do lucro geral e do comércio mundial, mas esse mínimo é exigido dele. Em resumo, “o homem tem necessariamente direito à felicidade terrestre e é por isso que é necessário cultura, mas por esse motivo somente.”⁹¹

Assim o Estado proporciona subsídios que incentivam o consumo, mas em nenhum momento se proporciona uma educação que faça o homem pensar autonomamente, pois isso arriscaria a manutenção das estruturas de poder, pois estas dialogam pelo método e a publicidade e essa construção ajuda a compor o ideal implantado na mentalidade coletiva. Em *A sociedade do espetáculo* Guy Debord diz que:

Os fatos ideológicos nunca foram simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, como tais, fatores reais que exercem uma real ação deformante; tanto mais que a materialização da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar todo o real de acordo com seu modelo.⁹²

⁸⁹ NIETZSCHE. 2008, p. 71.

⁹⁰ *Idem.*

⁹¹ *Idem.*

⁹² DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 2008, p. 137.

Para Debord “o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real”⁹³; então a ideologia Estatal que se ramifica por todos os setores do qual a visão de que deve ser o Estado o grande provedor tem como consequência a anulação do homem e nesta forma o próprio encontro do homem com o homem lhe é proibido, ficando este sujeito ao “domínio dos seres estranhos”⁹⁴, o objetivo de materializar a ideologia feita pelo Estado irá prolongar este homem/sociedade apenas como extensão e por isso é necessário deste a devoção ao grande pai provedor, pois o embuste espetacular de toda ideologia materializada é que fará girar a roda, jogando na realização econômica o indicador que realizará neste homem o voluntarismo à domesticação. E ainda mais:

O paralelismo entre ideologia e esquizofrenia estabelecido por Gabel (La Fausse Conscience) deve ser compreendido nesse processo econômico de materialização da ideologia. O que a ideologia já era, a sociedade tornou-se. A desinserção da práxis, e a falsa consciência antidualética que a acompanha, eis o que é imposto em cada momento da vida cotidiana sujeita ao espetáculo; eis o que é preciso compreender como uma organização sistemática da “falha da faculdade de encontro”, e como sua substituição por um *fato alucinatório social*: a falsa consciência do encontro, a “ilusão do encontro”. Numa sociedade em que ninguém consegue ser *reconhecido* pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade. A ideologia está em casa.⁹⁵

Tanto em Nietzsche como em Debord, mesmo que em essência possam almejar outra coisa, em paralelo eles criticam justamente este distanciamento do homem de sua autoconsciência, e isto claramente, não se faz apenas pelos instrumentos de *intelectualização*, pois em vários níveis existem as falsas consciências e estas não podem, segundo o próprio Debord “conhecer a si própria de forma verídica”⁹⁶, ou seja, é nisto que vemos surgir dentro desta sociedade uma intelectualidade que irá formar as bases para que este jogo ideológico permaneça e seja inclusive desejado por aqueles que se apresentam como “esclarecidos”, estes intelectuais irão desenvolver teorias para corroborar com esta cadeia e argumentarão sempre em favor da humanidade. Se o fazem, ou aqueles que o fazem de puro coração, o fazem por estarem incapacitados de perceberem que não podem realizar uma crítica verdadeira por

⁹³ *Idem*, p. 138.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ *Idem*, p. 139-140.

⁹⁶ *Idem*, p. 141.

estarem inseridos nisso, pois “quando compactua com o reformismo ou com a ação comum de restos pseudo-revolucionários, a vontade abstrata da eficácia imediata reconhece as leis do pensamento dominante, o ponto de vista exclusivo da *atualidade*. Assim, o delírio se refaz na própria posição que pretende combatê-lo.”⁹⁷ de forma que todos trabalharão para realizar o “espetáculo Estatal”, e mesmo que se consiga vender que o alcance econômico dessa sociedade seja a ela favorável, não é bem assim,

supondo que o Estado se sinta bastante forte não somente para desencadear essas forças, mas também para colocá-los sob o jugo em tempo útil, supondo que seus fundamentos tenham a solidez e a amplitude necessárias para sustentar o edifício inteiro da cultura, a difusão dessa cultura entre seus cidadãos só haverá de gerar lucros a ele próprio... vemos que se exige dele liberar as forças espirituais de uma geração na medida em que essas possam servir às instituições estabelecidas e lhe serem úteis. Mas nada além disso.⁹⁸

O filósofo alemão seguem dizendo que “é em vão que o Estado propague com alto e bom som os serviços que presta à cultura, pois, só a favorece para se proteger a ele próprio e não concebe fim superior a seu próprio bem e à sua própria existência”⁹⁹. E onde acaba sendo o maior foco de aplicação da ideologia? Justamente naqueles que Nietzsche chama de homens segundo Rousseau¹⁰⁰, podemos notar quando este apregoa o homem segundo Rousseau distintamente na sociedade moderna como aquele

que se agita, semelhante ao antigo Tífon sob o Etna. Oprimido e quase esmagado pela arrogância dos nobres e pela dureza dos ricos, corrompido pelos padres e por uma má educação, humilhados a seus próprios olhos por costumes ridículos, o homem em sua angústia invoca a “natureza sagrada” e sente subitamente que ela também está longe dele como qualquer um dos deuses de Epicuro.¹⁰¹

ou seja, este homem não pode desfrutar ou extrair da natureza o melhor para o autodesenvolvimento, mas diante de tal situação vai voltar-se a esta apenas (natureza ou

⁹⁷ *Idem*.

⁹⁸ NIETZSCHE. 2008, p. 72.

⁹⁹ *Idem*, p. 83.

¹⁰⁰ Nietzsche diz que há três tipos de homens na sociedade, os segundo Rousseau, os segundo Goethe e os segundo Schopenhauer; em resumo o homem de Rousseau é aquele que vai acabar delegando a uma força superior o seu desejo de volta ao homem natural, que foi perdido. O homem de Goethe é um exemplo mais raro na sociedade, sendo aquele que possui uma sensibilidade mais apurada, um alcance contemplativo maior e o homem de Schopenhauer que com seu espírito inquieto irá desafiar esta passividade posta, pois é ativo e deseja a mudança segundo sua própria condição em vida.

¹⁰¹ NIETZSCHE. 2008, p. 51.

homem natural) como sendo a única possibilidade de experiência, sendo justamente sobre este homem de Rousseau depositada, a meu ver, oportunamente os instrumentos externos da ideologia para que se realize sim um fenômeno de massa, que por mais positivo que possa parecer (em Paulo Freire, por exemplo) não vai passar de instrumentalização de indivíduos para interesses de quem almeja não a libertação da condição moderna, mas justamente reorganizar o homem moderno nas possibilidades que se fazem presentes a este, em resumo, isto gera o adestramento daqueles que serão assim utilizados sob uma noção temporal para um (em tese) fim utópico, que, porém, quase nada tem de utópico, mas sim de ultrapassado, pois tais relações espaço/temporais por mais que precárias, já não condizem com esta mentalidade.

Não vejo que haja de fato solução a esta questão dos três tipos apresentados por Nietzsche na era moderna, o que pretendo aqui é abrir ao nível onde, independente da existência destes ou mais tipos de homens, que não haja dominação e adestramento e que desta forma sob outras relações apresentadas pela contemporaneidade não haja interferência de um sobre os outros sob alegações que não garantem de fato um bem, mas que se restringem às normas básicas, principalmente para que sob tais alegações instrumentais e arbitrárias não passemos a nivelar as demais condições de coexistência.

É justamente esta ideologização instrumentalizando nos homens segundo Rousseau que passará a exigir que se institucionalize a fraqueza que vê na negação o sinal de maldade. Diferentemente

o homem de Schopenhauer assume o sofrimento voluntário da sinceridade e esse sofrimento lhe serve para matar seu querer próprio e para preparar a inversão, a total conversão de seu ser, que é o verdadeiro objetivo e o sentido da vida. O hábito que tem de dizer a verdade parece aos outros homens a expressão de sua maldade, pois, estimam que o respeito de suas fraquezas e de suas pequenas manias é um dever de humanidade e porque é necessário seu mau para lhes estragar assim seus brinquedos.¹⁰²

Sendo assim, como este possível homem de Schopenhauer é anulado pela condição atual de cultura, a educação deveria vir a proporcionar o engrandecimento do homem como partícipe social, movedor e criador de cultura a partir da peculiaridade descoberta em si pelos modelos ideais de cultura, ou seja, pelos grandes mestres que cada um deveria tomar para si, a natureza no homem aspira pela cultura que cheguemos a outro estado, porém, diferentemente do modo de o fazer proposto por Paulo Freire, em Nietzsche seria impossível chegar aos modelos

¹⁰² *Idem*, p. 53.

“ideais” pelo método ideológico, sendo justamente o estado niilista do filósofo aquele que pode levar a outra noção de mudança

quando, em nossa encarnação presente ou em outra futura, tivermos acesso à ordem mais sublime dos filósofos, dos artistas e dos santos, será somente então que um novo fim será fixado a nosso amor e a nosso ódio; provisoriamente temos nossa tarefa conferida e nosso ciclo de deveres, nosso ódio e nosso amor. De fato, sabemos o que é a cultura. Aplicada a esse domínio, ela quer que trabalhem sem cessar em preparar e favorecer o surgimento do homem de Schopenhauer, descobrindo o que poderia lhe ser contrário e afastando esse obstáculo do caminho – em resumo, ela quer que lutemos sem descanso contra tudo o que nos privou a nós mesmos da realização suprema de nossa existência e nos impediu e tornar-nos nós mesmos homens segundo Schopenhauer.¹⁰³

Sendo que estas figuras do filósofo, do artista e do santo são representações que fugiram da existência anulada dos fracos que foram postos a serviço não de si, mas do Estado, do lucro, de qualquer mídia, ideologia ou poder geral e externo que sujeitará estes à irreflexão e ao comodismo causado pela vida barulhenta em sociedade, nesta sociedade que se apresenta assim; enquanto o modelo de Schopenhauer vai encontrar em si, por isso, usando estas figuras trazidas por Nietzsche como alegoria de mudança de comportamento.

Precisamos romper o *coitadismo* instaurado em nossa sociedade, que transforma a todos em policiais da cultura, onde

esta força de vigilância e de intervenção é levada pelas necessidades presentes, que comandam as condições de seu envolvimento, a se dirigir ao próprio terreno da ameaça para combatê-la *por antecipação*. Eis porque a vigilância tem interesse em organizar, ela mesma, polos de negação aos quais fornecerá informações fora dos meios desacreditados do espetáculo, a fim de influenciar, desta vez já não terroristas, mas sim teorias;¹⁰⁴

sendo pela educação uma forma bem eficiente e discreta de manter este jogo, pois é como se mantivesse os seres superprotegidos, dando esta falsa impressão, sob todo discurso de democracia e voz do povo, mas quando na realidade ao atingir

o estágio do espetacular integrado, a sociedade que se declara democrática parece ser considerada em toda parte como a realização de uma *perfeição frágil*. Assim, ela não deve ser exposta a ataques, porque é frágil; e já não é

¹⁰³ *Idem.* p. 66.

¹⁰⁴ DEBORD. 2008, p. 234.

atacável, por ser perfeita como nenhuma outra sociedade o foi. É uma sociedade frágil porque tem grande dificuldade para dominar sua perigosa expansão tecnológica. Mas é a sociedade perfeita para ser governada; a prova disso é que todos os que aspiram ao governo querem governar essa sociedade, com os mesmos procedimentos, e mantê-la quase exatamente como ela é,¹⁰⁵

pois ”a ignorância é produzida para ser explorada”¹⁰⁶, assim segue a preservação do sistema educacional de manutenção de ideias unilaterais, que é praticada descaradamente com mentiras e bonificações, assim como no adestramento animal, quando se ensina um proceder condicionado e para que haja interesse em repeti-lo, lhe damos um biscoito, por isso

a desinformação se desenvolve agora num mundo onde já não há espaço para nenhuma verificação [...] a prática da desinformação só pode servir o Estado aqui e agora, sob sua direção direta, ou por iniciativa dos que defendem os mesmos valores. De fato, a desinformação reside em toda a informação existente; e como seu caráter principal. Ela só é nomeada quando é preciso manter, pela intimidação, a passividade. Quando a desinformação é nomeada, ela não existe. Quando existe, não é nomeada. [...] Quando já não é permitido a alguém, por respeito ao consenso espetacular, ou no mínimo por desejo de ostentação espetacular, dizer de fato ao que se opõe, ou também o que aprova, com todas as suas consequências; mas quando se encontra muitas vezes a obrigação de dissimular um lado que se considera, por qualquer motivo, perigoso para aquilo que supostamente se admite, então se está praticando a desinformação; [...] porque dissimulavam ao máximo as manifestações práticas através das quais se afirmava a crítica que eles se vangloriavam de adotar; e, sem o menor escrúpulo de diluir-lhe a expressividade, nunca citavam nada nem ninguém, para dar a impressão de eles próprios terem descoberto alguma coisa.¹⁰⁷

Como contraponto, uma educação que visa a autonomia do sujeito é extremamente perigosa a qualquer poder externo, já que

ela deve favorecer o encontro do indivíduo com ele mesmo, pois é neste estado que o homem irá exercer na sociedade os fins referentes ao verdadeiro papel na construção de uma humanidade real “os indivíduos, aparentemente dispersos ao acaso, são estes que conseguem surgir aqui e acolá em circunstâncias favoráveis; e deveria ser igualmente fácil compreender porque podemos exigir isso da humanidade, visto que está apta a tomar consciência de seus fins, visto que procura e realiza as circunstâncias

¹⁰⁵ *Idem*, p. 182.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 206.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 204-205.

favoráveis que vão permitir o surgimento desses grandes homens, desses redentores.”¹⁰⁸

Se “a tarefa maior da educação seria (...), exatamente a de pavimentar as vias que levam a “uma *espécie mais forte*”, o que se torna impossível para um projeto de educação conformado com a sociedade atual, que só produz instrumentos adequados e úteis a ela”¹⁰⁹, é justamente através de nós como educadores, filósofos e artistas que devemos resistir ao *status quo* e sair da passividade gerada pela opressão destas forças externas do poder e de todas as adjacentes que corroboram pra que elas se façam contínuas, já que “se busca escapar da elevação dura e rigorosa pelos grandes mestres, persuadindo a massa de que ela própria encontrará o caminho guiado pela estrela do Estado”¹¹⁰ e onde “a supressão da personalidade acompanha fatalmente as condições da existência submetida às normas espetaculares – cada vez mais afastadas da possibilidade de conhecer experiências autênticas e, por isso, de descobrir preferências individuais”¹¹¹, deve ser através de nós educadores que as chamadas de esperança e resistência venham a tona ao não transferirmos nosso papel e o papel da filosofia aos desígnios de manutenção da mediocridade, da mesma forma que vem ocorrendo, quando por exemplo,

a decadência da cultura que Nietzsche acusa na sua época tem como responsáveis os governantes, que instalam nos ginásios e nas universidades uma formação de alunos e professores voltada exatamente para o serviço do Estado ou para o atendimento do mercado. Nestas condições, os estudantes ficam carentes de verdadeiros guias intelectuais, os filósofos, e se perdem na superficialidade e futilidade das disciplinas que lhes são ministradas por mestres sem vocação e sempre dispostos a acatar as exigências que lhes vêm do Estado ou do mercado;¹¹²

quando devemos nos apresentar rigorosamente de maneira oposta,

no livro *Ecce Homo*, Nietzsche declara que a sua tarefa enquanto filósofo é educar e derrubar ídolos: “Eu não construo novos ídolos, os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. Derrubar ídolos (minha palavra

¹⁰⁸ NIETZSCHE. 2008, p. 67.

¹⁰⁹ SOBRINHO. 2011, p. 40.

¹¹⁰ NIETZSCHE. 2011, p. 118.

¹¹¹ DEBORD. 2008, p. 191.

¹¹² SOBRINHO. 2011, p. 42.

para ‘ideais’) – isto sim é meu ofício.” Era isso também que ele desejava de seus alunos.¹¹³

Nietzsche se decepcionaria ao ver que no milênio após o seu em nada a educação se pendeu ao modo schopenhauereano, evidente que disto podemos nos limpar de todas as mudanças técnicas proporcionadas pela história, mas como efetividade na construção pedagógica do homem, na essência filosófica que isso implica, tudo permanece igual.

Parece-me que quando Nietzsche diz que o filósofo precisa de uma virilidade¹¹⁴, é mais uma condição de enfrentar a vida em suas diversidades, ao dizer que o pai de Schopenhauer o levava para viajar, assim ele aprendeu a conhecer os homens, a respeitar não um governo, mas a verdade - “foi-lhe ensinado desde cedo a se mostrar indiferente ou mesmo cético com relação as diferenças nacionais; ele se sentia como na casa dele na Inglaterra, na França e na Itália.”¹¹⁵ -, ilustrando assim que a condição de estar e agir esteja suspenso dos deveres com aquilo que diz respeito a outrem, neste caso o homem que aspira a ser e que este ser já não faz relação à política, este homem deverá exercer o seu papel e isto é que é grande a uma sociedade, ele entendia que “são Estados mal organizados aqueles em que outros homens, e não aqueles do Estado, tem de se ocupar de política e merecem perecer em razão do número de seus políticos”¹¹⁶, que é o que ocorre neste tipo de pensamento que pretende o professor um ser político, mas não só, pois vemos em nosso país esta manifestação de escritores, comediantes, atores, artistas visuais, músicos, todos querendo ser políticos, principalmente como influenciadores de uma gama de seguidores para aquilo que creem um motivo maior e melhor, sob sua ideologia¹¹⁷.

Se aplicarmos isto à realidade brasileira, veremos que apenas corrobora com a falência intelectual dessa nação, pois que a todo tempo delega a todos como súditos do grande Estado

¹¹³ SCHULZ. p. 25.

¹¹⁴ “Acabamos de enumerar algumas das condições que tornam possível o surgimento do gênio filosófico em nossa época, a despeito das deploráveis influências contrárias: liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, uma educação que não tenha por objetivo preparar um sábio, a ausência de toda estreiteza patriótica, de toda obrigação de ganhar seu pão, a independência com relação ao Estado – em resumo, liberdade e mais liberdade, atmosfera maravilhosa e perigosa, na qual os gregos tiveram a felicidade de crescer.” (NIETZSCHE. 2008, p. 95)

¹¹⁵ NIETZSCHE. 2008, p. 92.

¹¹⁶ *Idem.*

¹¹⁷ De maneira geral e mais intensa à ideologia do Estado, pois são estes também que se sustentam graças as leis de incentivo à cultura que no Brasil acaba sendo a grande fonte de manutenção dessas pessoas em seus *modus operandi*'s.

o dever de servir desde a ideologia iniciada na educação, perpassando todo controle via burocracia descabida até os elevados impostos injustificados; mas é

unindo o homem com seus vínculos fortes (instinto e paixão) que ele poderá tornar-se filósofo e ter o verdadeiro amor à sabedoria. Transformando conhecimento em sabedoria, só assim se poderá criar uma “nova cultura” que seja a realização plena do indivíduo enquanto homem.¹¹⁸

Pra isso educadores precisam se colocar também em condição de liberdade perante todos estes problemas, torna-se indispensável entender então este posicionamento do filósofo quanto à integridade da pessoa que se expõe à profissão questionando

quem é o professor novo? Para ele é o filósofo, mas não no sentido absoluto. Nietzsche quis dizer que todos os profissionais deveriam pensar como filósofos até se tornarem um, pois, de acordo com a teoria do gênio de Nietzsche, este não é o predestinado a nascer filósofo. Portanto, a transformação da cultura deve começar por quem lida com ela, por professores e alunos. O estudante deve buscar além daquilo que o professor expõe em sala de aula. Somente assim ele poderá percorrer o caminho para superar a si e ao próprio professor, escapando da mediocridade. No sentido nietzschiano, as atividades corriqueiras realizadas sem reflexão, a cultura do senso-comum, a linguagem jornalística que apenas narra o fato sem crítica própria, a “fofoca”.

Nietzsche supõe possível criar um novo projeto de homem realizando uma crítica à modernidade cartesiana que separou natureza e homem em res cogitans e res extensa privilegiando o mecanicismo. Para Nietzsche foi essa ideia de separação mecânica operada no homem (privilegiando as ideias inatas, portanto o intelecto) que fez os indivíduos renegarem outras faculdades humanas como sentimentos e instintos.

Resgatar as faculdades instintivas e sentimentais sem negar a razão é o projeto de Nietzsche. Por isso ele propõe a transvaloração dos valores da lógica platônica/aristotélica, da moral cristã (moral das massas que se deixam guiar louca e cegamente por um líder, o messias, na esperança de ganhar o mundo do além),¹¹⁹

que aqui, transferido à lógica política, e secular, conseguiu argumentos que se preservaram, mas devemos atentar que em nada muda das formas narrativas de conduzir uma nação, ao transvalorar os valores, já em sala de aula, os filósofos e artistas irão possibilitar que seus educandos sigam para a comunidade e para a família como uma problemática viva, aplicando assim a experiência da existência no seu sentido real e desejado, pois “o homem novo (Übermensch) é aquele que é capaz de violar de qualquer forma as crenças que se tornaram a

¹¹⁸ SCHULZ, p. 30.

¹¹⁹ *Idem.* p. 26-27.

tradição”¹²⁰, não basta, o professor passar pela universidade, ficar regurgitando todas as belas teorias que valorizam a humanidade, e ao entrarem em sala, tornarem-se de pronto somente mais um instrumento da máquina da tradição, ficar repetindo as práticas que passou na pele enquanto aluno e rapidamente contentar-se com o papel de funcionário e não de formador do qual possui tal diploma, para isso o filósofo e educador de Röcken diz que:

basta que chegue o homem sincero que tenha estas ideias boas e novas e que para realizá-las ouse romper com tudo o que existe, basta que ele mostre com um grande exemplo o que as mãos grosseiras, que até agora foram as únicas a intervir, não sabem imitar – e em todo lugar se começará pelo menos a distinguir, se perceberá pelo menos o contraste e se poderá refletir nas causas deste contraste, enquanto que hoje ainda muitas pessoas acreditam com toda boa fé que as mãos grosseiras são necessárias para a profissão pedagógica.¹²¹

Ele acusa ser justamente no ensino médio onde ocorre a principal causa da decadência cultural do porvir, se o mesmo não for o propulsor, eminentemente será a derrocada do homem de cultura, assim como a universidade de alguma forma, fica dependente desta instituição do ensino médio, pois será pautada nas medidas deste como subsequente¹²².

E para o filósofo - ainda referente ao ensino médio -, tudo deveria ser iniciado pelo bom uso da língua mãe, no caso dele o alemão, no nosso o português; o que a meu ver, a filosofia muito auxilia, pois o acurado exercício sobre as terminologias e o desenvolvimento conceitual vem de encontro a tal fato. Porém, o que percebemos, até mesmo entre os educadores das diversas áreas, e inclusive muitas vezes também por parte dos professores de filosofia ao se mostrarem indiferentes à questão além das quatro paredes da sua matéria, é que de maneira geral, há um relaxamento demasiado quanto ao tema, pois costumou-se achar que o uso correto da língua e a preocupação com as palavras que se utilizam para compor uma frase - algo elitizado -, havendo inclusive, muito preconceito com o mesmo e sua aplicação cotidiana, mas vejo que é justamente pelo desleixo quanto ao uso das palavras a causa de grandes problemas entre os homens, pois o aumento do ruído na comunicação toma ares de separação tamanha dos nichos sociais (sejam eles quais forem e em que medida) que a noção de uma cultura, que engloba vários fatores, é afetada como um todo, e ao não atentar-se as particularidades desta composição, cada um então constrói seu mundo fechado,

¹²⁰ *Idem.* p. 26.

¹²¹ NIETZSCHE. 2011, p. 79.

¹²² *Idem.* p. 80.

impossibilitando o agregar e o partilhar e causando pela incompreensão do estado alheio, o preconceito e até a intolerâncias em muitos casos.

O filósofo então responde:

Qual seria nesse caso a tarefa de um estabelecimento de ensino de alta qualidade, senão justamente a de levar ao caminho correto, através da autoridade e com uma severidade digna, os jovens cuja língua se tornou selvagem, e lhes gritar: “Levem sua língua a sério! Aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela, este não tem mais em si o germe que convém a uma cultura superior. É aqui que se pode ver que valor e que desprezo vocês atribuem à arte e em que medida vocês estão ligados à arte, aqui, no manejo da sua língua materna. Se vocês não chegarem a experimentar um desgosto físico por certas palavras e jargões, aos quais os jornalistas nos habituaram, então, devem renunciar à aspiração da cultura: pois é aqui, bem perto de vocês, a cada momento em que falam e escrevem, que tem uma pedra de toque para compreender a dificuldade, a imensidão da tarefa do homem culto e a improbabilidade que deve haver para que muitos dentre vocês alcancem uma cultura autêntica.¹²³

Ele também fala que o que se realiza na escola é o ensino histórico, e não de ordem atual, em todas as matérias, de forma que também reconhecemos isso em nosso sistema de ensino, quando por exemplo, professores de arte ainda aplicam provas escritas e até de múltipla escolha, mostra o quão distante da verdadeira formação do homem e nem se fala ainda, de algo que busca uma formação integral.

Bem vemos com tudo que ocorre por parte desse sistema de onde os professores também só se fazem instrumentos mecânicos, pois na prática não querem “arriscar” ou se algum solitário assim deseja, é logo barrado,

mas seria preciso fazer esta mesma advertência em todos os campos da atividade pedagógica: é o mais fácil e o mais cômodo que se esconde sob o manto de pretensões soberbas e de títulos pomposos: o que é verdadeiramente da ordem do prático, a atividade que é a essência da formação, porque no fundo é a mais difícil, só recolhe os olhares do descrédito e da depreciação: eis porque o homem honesto deve também esclarecer, para si e para os outros, este equivoco.¹²⁴

Devemos entender com este trabalho que uma renovação e uma purificação verdadeiras do ensino médio só poderão acontecer com uma renovação e purificação do espírito da nação que

¹²³ *Idem.* p. 81.

¹²⁴ *Idem.* p. 83.

sejam profundas e poderosas,¹²⁵ para isso que nos propomos neste momento, expondo algumas problemáticas que se intensificam consciente ou inconscientemente em todos que compõe o sistema educacional e o próprio sistema como agente mecânico do poder, ou seja, focamos no papel do indivíduo como possível libertador de si e por consequência de outros, no sentido de que educar envolve em muitos casos justamente o que não é visto como educação, mas para isso é preciso certo esclarecimento, primeiramente por parte do educador, para que sim isto se estenda ao educando, pensando nos potenciais invisíveis que podem estar diante de nós professores, já que não será uma máquina sistêmica, burocrática e ideológica que poderá enxergar, mesmo se assim o quisesse.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. Trad. Davi Arrigucci Jr.. 1ª ed. São Paulo: MEDIAfashion, (Coleção Folha. Literatura ibero-americana; v. 1), 2012.
- BOX 1824. **We All Wanna Be Young** (video). Disponível em <https://vimeo.com/16641689> - acesso dia 02/09/2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 (10ª reimpressão, junho de 2008).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GÓRGIAS (485-380 a.C.). http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=22 – acesso 23/10/2014.
- HIPÓCRATES. **Do riso e da Loucura – O inteligente sorriso dos Deuses perante a pobre loucura dos Homens**. Lisboa: Padrões Culturais editora, 2009.
- KOLAKOWSKI, Leszek. **Horror Metafísico**. Trad. Aglaia D. P. Coutinho Castro. Campinas: Papyrus, 1990.

¹²⁵ *Idem*. p. 101.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Trad. Teresa B. Carvalho da Fonseca. São Paulo: Circulo do Livro, 1988.

LANGANEY, André; *et al.* **A mais bela história do homem: de como a Terra se tornou humana**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

LOBÃO. **Uma delicada forma de calor**; CD A Vida é Doce. Independente, 1999. Disponível em <http://lobao.com.br/discografia.php?album=61#cover> – acesso 02/09/2014.

_____. **Mano Caetano**; CD Uma Odisseia no Universo Paralelo. 2001. Disponível em <http://lobao.com.br/discografia.php?album=62#cover> – acesso 02/09/2014.

MOSÉ, Viviane. Entrevista concedida a UNA TV – disponível em http://youtu.be/vqkUWJINT_k - acesso 02/09/2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer educador – terceira consideração intempestiva**. Trad. Antônio Carlos Braga; Ciro Mioranza. (Col. grandes obras do pensamento universal – 90) – São Paulo: Escala, 2008.

_____. **Escritos sobre educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

PLATÃO. **A República**. Trad. Ciro Mioranza. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2007.

PRICE, A. W.. **Conflito Mental**. Trad. Norberto Abreu e Silva Neto. Campinas: Papirus, 1998.

RUSSELL, Bertrand. **No que acredito**. Trad. André de Godoy Vieira. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SCHULZ, Gerson Nei Lemos. **Escola livre Friedrich Nietzsche in** Coleção Guias de Filosofia Nietzsche volume III – o filósofo e a educação.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. **A pedagogia de Nietzsche in** Escritos sobre educação. 7. Ed. – Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

SIMÕES, João Manuel. **Imprensa – escritos esparsos**. Curitiba: Ed. Lítero-tecnica, 1987.

VICENTI, Luc. **Educação e liberdade: Kant e Fichte**. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1994.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. **Travessia do Pós-moderno nos tempos do vale-tudo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1994.

ZANINI, Raquel Aline. **Autonomia em foco – pode um professor heterônomo formar alunos autônomos?**. Curitiba, 2013. (Monografia do curso de Especialização em Filosofia da Educação – Ética, Política e Educação. UFPR)

ANEXOS

SOBRE IDEOLOGIA

Apesar de gostar muito das composições de Cazusa, não poderei concordar com a ideia de que alguém precisa de ideologia para viver. Seguindo este caminho, devo explicar que não pretendo entrar afundo na ideia que enxerga a luta dos homens pelo modo material, pois demandaria, quiçá, um trabalho todo dedicado a isso, apenas quero deixar claro que ainda que não concorde como a forma que se dá a aplicação desta “luta” - que a meu ver nunca foi de classes, mas de poder, e por poder entendo que o mesmo surge no homem primitivo suscitado pelo abstrato, tendo por consequência ação direta no material – ainda assim podemos tentar definir um conceito de ideologia que permeia todo o trabalho.

Entende-se que o que viria depois como processo de construção histórica sendo não dualista, mas completamente unida numa dialética tecno-conceitual¹²⁶, ou seja, não vemos o mundo como Marx e Engels como, por exemplo quando dizem que “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”¹²⁷, pois esta afirmação apresenta apenas um reducionismo dualista diante da complexidade do homem, o que leva os autores assim a concluir que “na primeira forma de considerar as coisas, partimos da consciência como sendo o indivíduo vivo; na segunda, que corresponde à vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência unicamente como a *sua* consciência”¹²⁸. A meu ver esta concepção da vida, tão rasa e simplificada já me seria suficiente para encerrar a discussão com os referidos autores e por consequência, dos motivos que me levaram a suscitar o termo ideologia; mas deixando claro que este trabalho sempre irá ser direcionado por certa ótica que dialoga ao mesmo tempo com a quebra de muros divisórios e também pela noção que segue uma genealogia que perpassa pelas escolas que vão pensar o homem como um mundo particular dos tempos mais distantes até a atualidade, incluindo a proposta nietzscheana que tem na mescla dos mundos apolíneos e dionisíacos o que podemos exemplificar como síntese disto no momento.

¹²⁶ E aí seríamos levado ao dialogo direto, numa distância maior com a filosofia oriental, mas principalmente quando vemos que havendo as noções de τέχνη e ποιήσις podem ser suscitadas para compreender esta relação que constitui a sociedade e se aplicada com maior ou menor ênfase, de acordo com o tempo histórico, fica definitivamente difícil tratar qualquer coisa neste trabalho sem nos pautarmos numa união de ambas como fenômeno, seja mental na construção do indivíduo, seja como resultado social no coletivo.

¹²⁷ MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. 2008, p. 20.

¹²⁸ *Idem*.

A aplicação do termo ideologia se apresenta para designar “uma doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantidas pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam”¹²⁹; lembrando que mesmo que Marx e Engels não tenham divergido da ideia de que ideologia é uma consciência falsa, ainda assim diziam esta ser necessária ao homem, pois de acordo com a classe em que esta se encontrava serviria como meandro para se chegar a outro estado se esta fosse a do proletariado, por exemplo, por onde estes se encontravam e não como essência da coisa¹³⁰, o que acaba sendo muito perigoso, e a meu ver também é o modo onde Paulo Freire aplica sua questão política na educação, como tratado no capítulo referente.

Por isso que quando trato de ideologia, cabe lembrar que o termo chegou a ser aplicado pelo próprio Lenin como sendo a *ideologia socialista* sinônimo de marxismo¹³¹, claro que não o considerando consciência falsa, mas *ciência*, porém se considerando o marxismo ou as teorias comunistas e socialistas de modo geral, percebemos que tornam ideologias por justamente se apresentarem como

conjunto de crenças, porquanto só tem a validade de expressar certa fase das relações econômicas e, portanto, de servir à defesa dos interesses que prevalecem em cada fase desta relação. (...) Em Pareto, a noção de Ideologia corresponde à noção de teoria não-científica, entendendo-se por esta última qualquer teoria que *não* seja lógico-experimental. Segundo Pareto, uma teoria pode ser considerada: 1º em seu aspecto *objetivo*, em confronto com a experiência; 2º em seu aspecto *subjetivo*, em sua força de persuasão; 3º em sua *utilidade* social, para quem produz ou a acata. As teorias científicas ou lógico-experimentais são avaliáveis objetivamente, mas não nos outros modos, porque seu objetivo não é o de persuadir. Portanto, só as teorias não científicas são avaliáveis com base nos outros dois aspectos. Ciência e ideologia pertencem, assim, a dois campos separados, que nada tem em comum: a primeira ao campo da observação e do raciocínio; a segunda ao campo do sentimento e da fé¹³²

e parece bem evidente ao qual pertence qualquer manifestação das teorias de cunho socialista, comunista ou marxista.

Evidente que a revolução burguesa foi parcial, mas imaginar que a revolução do proletariado seria diferente, ou seja, que seria universal, é completamente contrário a lógica

¹²⁹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2003, p. 532.

¹³⁰ Nesta caso, como algo inerente aos indivíduos que compunham este proletariado, por exemplo.

¹³¹ GORENDER in MARX; ENGELS. 2008, p. XXIII.

¹³² ABBAGNANO. 2003, p. 532.

que compõe um movimento de revolução a ponto de abarcar tão ampla gama de objetos que compõe a sociedade, sem falar que fica ainda muito distante da revolução do homem como um ente composto de tão infundável e ainda de obscuras possibilidades; não a toa vemos surgir já no século XIX a psicanálise, e ainda todas as demais linhas científicas a partir do século XX.

Achando que a poda do homem é suficientemente dada pelo materialismo exposto na divisão de classes, eles nos reduzem como espécies a meros autômatos da natureza, já que acreditando que “os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante”¹³³, parece claro que esta “dominação” tem grande influencia sobre, mas não pode se dizer que há total dominação do espírito do homem deste tempo; se assim o fosse, o diferencial de uma pessoa que não deveria ter certo pensamento, mas inconscientemente se identifica com o que só mais tarde ele saberá o que é (ou seja, algo já definido na sociedade sob padrões), esta pessoa então não foi planejada (como essência?), mas apenas possui uma sensibilidade estética diferente, o que talvez seja ainda pertencente a um plano não-material? Anulamos todas as angustias que constituem um ser *irrepetível* tão somente pela experiência neste materialismo? Parece que sim, já que escrevem que

essa transformação da história em história universal não é, digamos, um simples fato abstrato da ‘consciência de si’, do espírito do mundo ou de algum outro fantasma metafísico, mas sim uma ação puramente material, que se pode verificar de forma empírica, uma ação da qual cada individuo fornece a prova tal como ela é comendo, bebendo e se vestindo.¹³⁴

Ou seja, reduzido a qualquer objetividade sem sentido, pois não há transcendência¹³⁵, sendo que isto vai ser refletido de forma direta na aplicação destas teorias, que como a história mostra, tendem a descambar ao totalitarismo como meio para alcançar o que segundo estes é um *bem*, e aí podem ser citados a utopia, o humanismo naturalista ou até a igualdade, entre outras. Isto pode ser pensado assim, pois não acreditam que a história tem seu ponto de saída

¹³³ MARX; ENGELS. 2008, p. 48.

¹³⁴ *Idem*.

¹³⁵ Em qualquer sentido, pois se pensarmos em tudo que move o homem, mesmo com o fim da religião, a espiritualidade toma formas diversas, inclusive na arte, mas também pode pensar a transcendência na posição diante da condição humana e seus modos de vida etc.

pelo conceito, mas se nem o estopim é o conceito, como explicar toda manifestação religiosa e signal existente nas proto-sociedades?

Bom, creio que não precisamos mais ficar “dialogando” com estes dois autores e devemos seguir para dizer a respeito de como abordamos a ideologia em qualquer âmbito deste trabalho e do porque que devemos substituí-la pela ausência. Na teoria de Pareto, este “estabeleceu um ponto importante”¹³⁶ na análise da ideologia quando diz que a função dela “é em primeiro lugar *pessuardir*, dirigir a ação”¹³⁷; já para o teórico Mannheim há uma distinção do conceito aplicado no particular e outro no universal:

Em sentido particular, entende-se por ideologia “o conjunto de contrafações mais ou menos deliberadas de uma situação real cujo exato conhecimento contraria os interesses de quem sustenta a ideologia”. Em sentido mais geral, entende-se por ideologia a “visão de mundo” de um grupo humano, p. ex., de uma classe social. Segundo Mannheim, a análise de ideologia no primeiro sentido deve ser feita no plano psicológico; a análise da ideologia no segundo sentido deve ser feita no plano sociológico. Num e noutro caso a ideologia é a ideia incapaz de inserir-se na situação, dominá-la e adequá-la a si mesma. Mannheim diz: “As ideologias são ideias situacionalmente transcendentais que nunca conseguem *de fato* atualizar os projetos nelas implícitos. Apesar de frequentemente se apresentarem como justas aspirações da conduta pessoal do indivíduo, quando levadas à prática, seu significado muitas vezes é deformado.”¹³⁸

Vemos assim descambar numa lógica coerente em si, mas absurda num possível cosmo a aplicação ideológica na educação, num desrespeito, a meu ver, total com a ideia de sujeito. Quando estudiosos querem transformar a escola em local de formação política, como fica claro no trabalho de um doutor quando este escreve:

Nosso estudo trata da relação entre partidos políticos (ou organizações de caráter político) e educação política, enfatizando o que se poderia chamar de *formação da militância através de uma pedagogia* efetivamente crítica.¹³⁹ Privilegiamos a extrema-esquerda enquanto expressão de uma esperança profunda na luta pela igualdade econômica e, como parte dela, na prática educativa revolucionária. (...) A palavra “partido”, que designa o objeto do nosso estudo, sugere que se trata de uma “parte” da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global de ordem econômica, social e política, e “a arte de fazer política” pode ser entendida como a habilidade de unir e somar forças num determinado campo ideológico. Daí a necessidade de

¹³⁶ ABBAGNANO. 2003, p. 532.

¹³⁷ *Idem.*

¹³⁸ *Idem.*

¹³⁹ Fica difícil pra mim conseguir relacionar militância a qualquer forma de pensamento crítico.

*convencer, educar, doutrinar e engajar o maior numero de pessoas no seu projeto partidário, surja como corolário da militância política.*¹⁴⁰ (grifo meu)

Devemos entender que dentro destes aspectos de atuação da esquerda, somos por contingencia levados a acreditar no eterno demônio do Capitalismo¹⁴¹, o que acaba sendo também o único aspecto que se permite pensar a vida, da mesma forma que ocorre no cristianismo, e principalmente hoje olhando pelo viés das igrejas pentecostais, onde tudo se resume a este inimigo imaginado e estático a assombrar a vida humana; no pensamento de esquerda não é diferente, o que impossibilita o pensamento amplo e dialógico com a realidade, pois nos deixa próximo de esbarrarmos no pecado a qualquer momento. Essa forma de pensar também os leva a crer que todos estejam sujeitos ao mesmo modo de ver, quando é comum, por exemplo, nos professores de esquerda que reclamam da despolitização da escola, argumentando que “sempre há ideologia”, como se isso fosse suficiente como argumento para este propósito de discussão, dando assim mais ensejo às batalhas de ódio, que em grande parte são suscitadas justamente por este discurso que foge à reflexão e se pauta novamente na batalha existente na dicotomia.

Eles dizem que “cada militante deve ser um educador por excelência”¹⁴² e que os documentos e jornais do partido são fundamentais no processo pedagógico¹⁴³, mas o que me chama mais atenção e que é também uma tecla que adoram bater, é de que este tipo de atuação pedagógica *forma opinião*, ou seja, o que se pretende é mesmo manipular¹⁴⁴ ideias pertencentes a algo naquele objeto, neste caso pessoas que talvez por terem a educação social e também institucional defeituosas, por vários aspectos, por estarem mais passíveis de uma dominação de cunho ideológico, a estes que a esquerda se dirige revestida de messias, o que eles querem é mesmo impor o seu dogma ao modelo católico-romano visto que a opinião tem dois significados:

O primeiro, mais comum e restrito, designa qualquer conhecimento (ou crença) que não inclua garantia alguma da própria validade; no segundo, designa genericamente qualquer asserção ou declaração, conhecimento ou crença, que inclua ou não uma garantia da própria validade. Este segundo

¹⁴⁰ CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. *Partidos políticos e educação – A extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo*. 2000, p. 202.

¹⁴¹ Com C maiúsculo dentro desta ótica.

¹⁴² CONCEIÇÃO. 2000, p. 212.

¹⁴³ *Idem*.

¹⁴⁴ Fazendo uma alusão ao processo artístico, no sentido de dar forma a.

significado é mais usado do que explicitamente definido. No primeiro significado, opinião contrapõe-se à ciência.¹⁴⁵

E contrapõe também ao conhecimento¹⁴⁶ o que se apresenta pra mim bem danoso como um processo educacional.

Toda esta forma de aplicação do ideal “de esquerda” vem como discurso que se faz como representação de algo que se referencia paradoxalmente do verdadeiro intento prático de seus conteúdos, portanto, ideológico; isto se realiza naturalmente dentro do método que ela se faz, já que

a característica fundamental da ideologia no seu sentido negativo parece ser o fato de que ela não é só uma doutrina prescritiva não fundada em argumentos racionais, mas também um esquema prescritivo que age em vista de destruir a possibilidade de argumentação racional.¹⁴⁷

Para esse tipo de conveniência é que é usada, não de forma explícita, mas enrustida na aura de *bem*, pois

o zelo profético com que os fundadores defenderam as suas convicções, aliado ao servilismo intelectual com que foram acolhidas pelos entusiasmados seguidores do novo profetismo, fizeram com que o tema da ideologia fosse predominantemente compreendido segundo a camisa de força imposta pela ortodoxia da cartilha marxista,¹⁴⁸

ou seja, este discurso transfere o *mal* sob disfarce ao inimigo, promulgando um mundo que só pertence a seu âmbito como universal e sob a arbitrariedade das próprias regras que por consequência são fundadas pela crença que possuem em suas próprias mitologias. A consequência clara disso é a irreflexão e, portanto, a ausência de pensamento crítico, pois o mesmo não se é permitido a não ser sob a designação dada a ele naquele modo de pensar. Por isso o mecanismo de tornar oficial este tipo de prática dentro da educação só serve como enredamento ideológico, sendo oposição completa à libertação daqueles que dizem libertar.

Das várias guinadas possíveis ao uso do termo, aqui optamos por esta noção, dentro das possíveis, por isso afirmamos da aplicabilidade dessa forma de ideologia pelos marxistas

¹⁴⁵ ABBAGNANO. 2003, p. 729.

¹⁴⁶ γνώσις

¹⁴⁷ PERINE, Marcelo. *Filosofia e crítica das ideologias*. 1991, p. 16.

¹⁴⁸ *Idem*. p. 20.

e da esquerda de modo geral na educação como prejudicial, pensando exclusivamente o modo ideológico inserido independente das técnicas pedagógicas, pois a estas se destinam outros estudos, aqui pensamos o papel da escola como um espaço do pensamento crítico e como consequência do crescimento do ser humano como ente social, além da sua concepção como sujeito,

portanto, deve-se frisar que o significado de uma ideologia não consiste, como achavam os escritores marxistas, no fato de ela expressar os interesses ou as necessidades de um grupo social, nem na sua verificabilidade empírica, nem em sua validade ou ausência de validade objetiva, mas simplesmente em sua capacidade de controlar e dirigir o comportamento dos homens em determinada situação.¹⁴⁹

Muito provavelmente com o intuito de se chegar ao poder de forma “natural”, e ao chegar lá, então se manter no poder, sendo que este poder sempre vai pertencer a uma cúpula, jamais tivemos expostos na realidade material o poder como fato comum, sendo esta a verdadeira utopia e como tal, um reino que não é deste mundo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Afredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. *Partidos Políticos e Educação: A Extrema-Esquerda Brasileira e a Concepção de Partido como Agente Educativo in Revista Línguas & Letras*. V. 1. Nº 1. P. 201-213. Jan/jun. 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PERINE, Marcelo. *Filosofia e crítica das ideologias in Síntese Nova Fase*. V. 52. P. 13-34. Março/1991.

¹⁴⁹ ABBAGNANO. 2003, p. 533.

DO PORQUE DA ANARQUIA ESPIRITUAL¹⁵⁰

O espírito anarquista proporcionado pela filosofia de Nietzsche é maior que qualquer teoria anarquista oficial, e a meu ver é justamente esta filosofia a grande filosofia da alma humana, possível evidentemente a partir de um mundo construído até sua época, mas que, porém consegue retomar em essência o que sempre esteve presente no homem, exemplo disso está justamente na base grega pré-socrática que o filósofo alemão trará a nosso tempo. Claro que não basta lê-lo, é preciso compreendê-lo de dentro e isto é encontrar a liberdade tal como se apresenta em seu espírito, o que não é pra todo e qualquer admirador de sua obra.

A anarquia espiritual de Nietzsche é superior e permanente justamente porque não se restringe a objetos externos, o que talvez seja a causa do eterno insucesso do anarquismo. Experimentar a vida, a existência de forma qualitativa e quantitativa é também abdicar do poderio ideológico que é força externa de redenção do mundo, porque toda e qualquer tentativa de realizar tais feitos em nome mesmo que da grandiosidade de um “espírito forte” seria dar margem a qualquer possível fraqueza deste espírito que teria que ouvir o outro possível, limitando assim a liberdade daquele que tem em si todos os recursos de *transvaloração*, mas somente para si, ou seja, a redenção é necessariamente individual e só permitida em particular. Para criar o mundo dos fortes é preciso que os indivíduos independentes dominem seu espaço não por vias de protocolos, mas pela própria experiência de ser neste mundo. Por isso a remoção das terminologias usadas recorrentemente por órgãos oficiais e ou coletivos se faz necessária, pois ao serem aplicadas e divulgadas na sociedade trazem a carga tendenciosa dos objetos externos e assim servem apenas para a propagação da fraqueza humana.

A noção de libertário deve ser posta de lado no dia de hoje se quer seguir os rumos a que se inclinam nas bocas mais variadas. Não pretendo me restringir a discutir as incoerências praticadas pelos nichos sociais, inclusive os que se dizem minoritários ou subjugados, pois estaria apresentando o problema de baixo, sendo justamente o oposto que pretendo apresentar, pois minha percepção se faz por outras vias, as que não se prendem aos referenciais limitados que se apresentam como representantes de tais minorias ou como alternativas a dominação capitalista, mas principalmente pela dominação espiritual de uma época que não dialoga mais

¹⁵⁰ O termo “espiritual” aqui é aplicado como *Zeitgeist*, ou seja, como um espírito que envolve toda construção subjetiva do ser humano por seus aspectos culturais, podendo ser aplicado no indivíduo construído no seu tempo e não como sentido religioso.

pela experiência, mas sim por representações incutidas pelo mecanismo técnico e metaideológico de uma sociedade já fossilizada pelo espetáculo e onde as palavras tornaram-se etimologicamente diluídas em híbridas morfologias “geneticamente” alteradas, isso faz com que “a informação se desenvolva agora *num mundo onde já não há espaço para nenhuma verificação*”(sic)¹⁵¹, desta forma não cabe ao espírito livre se mancomunar com qualquer coisa que não seja si próprio; se o indivíduo almeja ainda verdades seja esta partindo de si ou de forças maiores, que no caso dos ativistas se rende ao absurdo salvífico do que quer que seja, então este já não pode salvar nem a si mesmo. Qualquer noção de verdade envolve um oposto, assim como quando criado por Platão e injetado no sangue ocidental ainda teimamos por agonia e refluxo a dividir tudo e, portanto, mesmo que a teoria pós-moderna tenha apresentado um mundo fragmentado, sem verdades, onde igrejas se digam pós-cristãs e a ciência permita o pós-humano, ainda assim o domínio estatal, o espírito de Leviatã e a burocratização de matéria, moral e valor permanecem a incutir na mentalidade da sociedade que permaneçamos sob o julgo platônico, quando para Nietzsche

a “vontade de poder” se opõe à “vontade de verdade”, que divide o discurso em verdadeiro e falso, para excluir o que se quer. O importante não é saber se se trata de um falso juízo ou de uma não-verdade, mas se o mesmo contribui ou não para manter e fomentar a vida. Se a mantém ou fomenta, não importa sua falsidade ou não-verdade.¹⁵²

Obvio que tratamos aqui no âmbito espiritual, já que as pessoas de modo geral tendem a materializar tudo em suas experiências desprovidas de referenciais, para estes - como já disse outro pensador -, não poderei escrever.

Um exemplo claro desta degradação da alma humana realizada por meios também degradados da linguagem foi a entrevista (no mínimo de causa duvidosa) feita por um cara que se autointitula anarquista (Jô Soares) com uma governante que tem como modelo justamente o domínio estatal e sua burocratização como fontes de se manter no poder, ou seja, assim aprendemos que é fácil desvirtuar terminologias por objetos externos, ou mesmo que títulos e “as palavras engenhosas não tem qualquer valor, absolutamente nenhum. Só conseguem afastar-nos de nós mesmos. E afastar-se de si mesmo é um pecado. É preciso que se saiba encerrar-se em si mesmo, como a tartaruga.”¹⁵³

¹⁵¹ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 2008, p. 204.

¹⁵² DELGADO, Sebastião de Paiva. *A teoria dos valores em Nietzsche*. 2000, p. 70.

¹⁵³ HESSE, Herman. *Demian*. 2010, p. 64.

Essa descaracterização terminológica de nosso tempo fez com que aqueles que se fazem como entes sociais que deveriam brigar pela morte dos velhos valores (e que já eram anunciados a mais de século) e por mais que seus discursos assim sejam emitidos, são estes que na prática delegam o poder que a eles pertencem às entidades oficiais do grande senhor Estado e rezam por leis que os representem, sendo que lei alguma irá representar a não ser um desejo de poder e dominação existente em alguém, na teoria do espetáculo integrado proposta por Debord, onde nem a ideologia que ao se materializar no tempo atual pode se desprender desta condição e, portanto se

antigamente, só se conspirava contra a ordem estabelecida. Hoje, *conspirar em causa própria* é uma nova profissão em franco desenvolvimento. Sob a dominação espetacular, conspira-se para mantê-la e para garantir o que só ela pode chamar de seu bom andamento. Essa conspiração *é parte integrante* de seu funcionamento.¹⁵⁴

Vide o caso de alguns deputados brasileiros que claramente arrastam multidões de grupos ditos minoritários sob uma completa estrutura de ignorância somente por ser raro e por realizar uma boa publicidade sobre si, mas que evidentemente realiza um desserviço a todos aqueles que o seguem por estar claramente inserido num jogo conspiratório que se reduz ao dualismo platônico já mencionado, muito mais empobrecido, porém, e causando assim um retrocesso para a libertação, se não dos espíritos livres (já que estes já estão livres), mas da sociedade como um todo, pois esta forma permanecerá implantando valores e recriando valores, mesmo que vestindo com a roupa nova do rei, o honesto e inocente saberá que nada há ali, que o rei está nu e que nenhuma moral foi removida, mas apenas substituída.

O medo continua sendo o ditador da tendência de moral na sociedade, não importando qual seja o medo, os espíritos fracos sempre terão algum, assim como Bertrand Russell escreveu, “é o medo da natureza que dá origem à religião [...] se não temêssemos a morte, creio que a ideia de imortalidade jamais houvesse surgido. O medo é a base do dogma religioso”¹⁵⁵ e se hoje já não é necessariamente o dogma religioso que proclama a soberania, outras vias salvíficas se adéquam a concepção de mundo da atualidade, e por mais que eu ache super cafona e ultrapassado, as ideias de socialismo e comunismo em suas diversas variações continuam a ter presença garantida nos púlpitos e praças públicas. Uma causa de

¹⁵⁴ DEBORD. 2008, p. 225.

¹⁵⁵ RUSSELL, Bertrand. *No que acredito*. 2011, p. 36,37.

isto ainda ser acontecimento latente pelas veias do terceiro milênio é potencialmente o medo, pois inconscientemente estas pessoas sabem que “uma evidencia histórica que não interessa ao espetáculo não é uma evidencia”¹⁵⁶, sendo um risco ficar de fora da festa “a sociedade proclamou-se oficialmente espetacular. Ser conhecido fora das relações espetaculares equivale a ser conhecido como inimigo da sociedade”¹⁵⁷, assim como o espírito fraco teme perder o apoio pois não tem consciência que “o homem não precisa entrar no mundo porque ele é um mundo em si mesmo, e que se ergue acima dele”¹⁵⁸, o problema é que o espírito fraco não possui nem consciência de seu estado e por isso mesmo ele deixa de ser o sujeito; em ambitos gerais o mal da sociedade se dá na falta dessa consciência e na projeção deste em objetos de inversão e conseqüentemente de dualismo; assim vale a máxima - “só se tem medo quando não se está de acordo consigo mesmo”¹⁵⁹ – e não estar de acordo consigo é uma norma não só da natureza, mas fomentada por todo um sistema que entretém e mascara, que propõe impondo e substitui, que vive por você; sendo assim dentro da possibilidade de existência numa sociedade moralizante e espetacular podemos concluir que “a vida é um privilegio dos medíocres”¹⁶⁰, mesmo porque aqueles que detém o poder irão se levantar não contra estes grupos que convencionaram usar termos onde eles devem “apoderar-se” do seu corpo, sexo, cor etc., mas justamente porque em nenhum momento ouve-se que se deve apoderar-se de si, do ser, pois este seria o ponto que causaria perigo aos dominantes, pois “o demasiado humano; é aquele que adquire o seu verdadeiro ‘eu’, ou seja, o seu autodomínio. Além do mais, é aquele que é o primeiro e o ultimo, início e fim”¹⁶¹, daí que num tempo onde “o Estado..., deseja que os homens lhe prestem o mesmo culto idólatra que prestavam recentemente à Igreja”¹⁶² compreende-se que “viver é estar em perigo”¹⁶³, lembrando que este viver não é o da condição de sociedade, mas da experiência de si no mundo.

Para distinguir como atitude que poderia ser tomada¹⁶⁴ por grupos minoritários e - quero incluir aqui o individuo como ator deste mundo criado para si, que independente da quantidade que se apresente, levado a considerar qualitativamente -, podemos tomar como

¹⁵⁶ DEBORD. 2008, p. 180.

¹⁵⁷ *Idem.*

¹⁵⁸ KUNDERA, Milan. *A vida está em outro lugar.* 1994, p. 129.

¹⁵⁹ HESSE. 2010, p. 127.

¹⁶⁰ CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero.* 2011, p. 27.

¹⁶¹ DELGADO. 2000, p. 68.

¹⁶² NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer educador.* 2008, p. 49.

¹⁶³ NIETZSCHE. 2008, p. 41.

¹⁶⁴ Novamente quero deixar claro que tais descrições não podem ser entendidas de forma literal, mas o comportamental que evidencia a consciência interna.

exemplo o filme *Pink Flamingos* onde Divine tem na sua constituição familiar e em seu círculo de amigos todos os estereótipos de uma sociedade à margem, mas nota-se que em nenhuma momento eles se deixam serem tomados por qualquer tentativa de inferioridade, sendo inclusive o oposto, o apoderamento deles não se dá no âmbito das condições de travesti, deficiente mental, drogado, órfão, desempregado, desalojado etc, mas em âmbito de essência e relacionamento, ou seja, ao se imporem como condição do que são em essência todo o resto em volta deve aceitar e conviver com a mesma harmonia e naturalidade a ponto de órgãos oficiais lhe darem um título, o de pessoas mais repugnantes, que no contexto do filme se apresenta como algo totalmente desprovido de preconceito, e é importante entendermos esta descrição por este sentido, que é o de conquista de um destaque, que mesmo vivendo sem se preocuparem com as vozes alheias por serem espíritos fortes, estes despertaram a ira daqueles que desejam o título sem o terem por mérito, no caso o casal do filme que buscava destituir Divine de seu título por meio de destruí-la materialmente, que é um modo claro por onde o espírito fraco age, - pois ao não *ser*, ele vê naquele que *tem* e se *tem* por mérito é porque *é* -, o inimigo invencível e por consequência opressor, a opressão aqui é de caráter moral, pois projeta a moralidade enrustida no outro e vê como única possibilidade de sucesso a destruição deste outro.

O Estado deseja institucionalizar estas condições inferiorizadas justamente para manter sob seu jugo moral a condição de todo *ente*, a dogmatização é fundamental para cercear a individualidade que almeja a experiência de vida, pois a vida deve estar oficializada não pela existência, mas pelo registro, por isso a burocratização se estende a mentalidade de massa para finalmente descaracterizar a experiência e financiar verdades, pois “qualquer moral de orientação definida e estável cerceia a liberdade do homem, impingindo-lhe princípios normativos que ele não escolheu a priori”¹⁶⁵ e já nem poderá mais escolher ou ter noção disso, ainda mais num patamar onde chegamos de policiamento, sendo inclusive “muito fácil disfarçar policiais em artistas”¹⁶⁶ neste mundo politicamente correto que é um produto de financiamento deste controle estatal de múltiplas linguagens, como poderíamos afirmar com o poeta:

Isso não existe, essa coisa de psicanalítico, se assumiu como gay, se assumiu como dionisíaco, se assumiu como lésbica, se assumiu como dona de casa,

¹⁶⁵ DELGADO. 2000, p. 64.

¹⁶⁶ DEBORD. 2008, p. 228.

essas coisas são papeis inventados por uma revolução de gerentes, por uma sociedade marxista e positivista pra castrar as pessoas.¹⁶⁷

Até porque segmentar dessa forma é por condição a certa experiência possível, inviável a possibilidade de espírito anarquista de modo geral, mas principalmente à libertação, já que

a moral nietzscheana, que é de cunho antropocêntrico, gira em torno do seu modo de ser, ao redor do estado de espírito do indivíduo. E, por isso, a moral da auto-superação e da autocrítica, pois o homem, quando assim o procede, cria, valora e se torna humano e se livra das algemas dos falsos valores herdados da moral cristã.¹⁶⁸

E por mais que digam que combatem a “moral cristã” o estado está somente, como já disse, revestindo com sua roupagem os causadores de separação, segmentação e conseqüentemente de preconceito presentes na sociedade, pois a ideia do “tu deves” continua a ser pregada, por isso, o filósofo escreve e vou grifar o destaque do parágrafo:

Constatamos em nós, porém, *as conseqüências dessa doutrina que foi recentemente pregado sobre todos os telhados, ou seja, que o Estado é o fim supremo da humanidade e que não há dever mais elevado para o homem do que servir o Estado; reconheço nisso uma recaída não no paganismo, mas na loucura.* Pode ser que o homem em questão, que vê no serviço do Estado seu dever supremo, não perceba de fato deveres mais elevados, mas há homens e deveres que ultrapassam esse ponto de vista e um desses deveres, que me parece pelo menos superior ao serviço do Estado, *exige que destruamos a loucura sob todas as formas,* portanto, também essa loucura. É por isso que me ocupo aqui de uma espécie de homens que são capazes de conferir objetivos um pouco mais distantes que o bem do Estado, quero me referir aos filósofos; e se penso neles é com relação a um mundo também bastante independente do bem do Estado, o mundo da cultura. Entre os numerosos anéis ligados um ao outro que formam a coletividade humana, uns são de ouro, os outros de bijuteria.¹⁶⁹

E a inserção cultural não pode depender da institucionalização dos atos, mas deve ocorrer de dentro da manifestação de experiências dos homens, como no caso de Divine que recebeu o título pelo que era e desencadeou todo um movimento na sociedade, você não a vê em nenhum momento realizando discurso moralizante de oprimido ou de vítima, não a vê recorrendo à polícia, ou fazendo passeatas em nome disso e daquilo, mas sim ela agrega ao seu círculo aqueles que compactuam consigo em essência, independente se esta é uma réplica

¹⁶⁷ Vídeo *Assombração urbana com Roberto Piva* in <https://www.youtube.com/watch?v=oVMzzYIOaNg>

¹⁶⁸ DELGADO. 2000, p. 68.

¹⁶⁹ NIETZSCHE. 2008, p. 47.

aparente da Marilyn Monroe, pois compreende que ao superar aqueles valores o homem toma como medida pra existência a experiência estética,

com o esvaziamento da “ordem moral do mundo” como efeito crítico da paixão do conhecimento, não é dado mais ao homem, ou ao “espírito livre”, interpretar a existência a partir do ponto de vista moral, devendo ele agora interpretá-la a partir de um horizonte estético. Sem as categorias morais de culpa, pecado, má consciência, castigo etc., abre-se ao homem novamente espaço para a experimentação consigo mesmo, que, nesse caso, não sendo mais moralizante, passa a ser um experimento estético.¹⁷⁰

Assim, este homem que aqui não é tomado como termo de gênero, mas de espécie e, portanto se realiza como igual, não se pode prender às normativas externas, até porque

o que a natureza quer com o homem está gravado no indivíduo,... já o estava em Jesus e em Nietzsche. Quando as coletividades atuais se arruinarem, haverá lugar para todas essas correntes, que, naturalmente, podem variar de aspecto cada dia, mas que são sempre as únicas importantes.¹⁷¹

Pois é este que fará o movimento de dentro da cultura, que trará valores não pré-existentes, mas formados pela luta, não de classes, pois não ocorre pelo materialismo, mas pela experiência da natureza sendo esta a responsável por gerar o gênio, porém nem precisamos adentrar nestes conceitos de gênio e do homem que se supera, mas ao atentarmos somente ao espírito livre como o libertador de si mesmo e como consequência sua necessidade de anarquia e distanciamento de qualquer forma ideológica é que perceberemos que alcançar um estado de percepção estética é inerente a este espírito que por ser livre também o é dos preconceitos que são barreiras¹⁷² erguidas inclusive pela burocratização para facilitar a segmentação, assim “conforme a ética nietzscheana, o homem é movido pela própria paixão que gera a vida, e não por uma moral que o deixa ressentido, fora da realidade e absorvido pelo mundo da irracionalidade”¹⁷³, este homem vai então educar-se a si mesmo e onde

o procedimento crítico da paixão do conhecimento confere ao homem, portanto, a possibilidade de novamente considerar o mundo e a si mesmo

¹⁷⁰ VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Sobre a hipótese da educação como autoformação em Nietzsche*. 2014, p. 230-231.

¹⁷¹ HESSE. 2010, p. 128.

¹⁷² Mesmo que hoje este preconceito esteja remanejado para outros setores desta sociedade do espetáculo, tanto onde de fato o há, como em possibilidade de inversões terminológicas.

¹⁷³ DELGADO. 2000, p. 72.

como obra de arte, tornando-se o construtor de si mesmo, ou antes, o educador de si próprio, registro que nessa segunda fase de produção filosófica – sobretudo em AURORA e A GAIA CIÊNCIA – pode perfeitamente ser denominado de autoformação.¹⁷⁴

Por isso Divine é um exemplo que nos interessa, pois a quebra da moral não se deu ao substituir os valores cristãos pelo grotesco, que seria o caso de seus antagonistas no filme, mas ela realizou instintivamente a transformação da sua condição, e onde seus pertences existiam para servir a sua liberdade e por isso não lha aprisionara em nenhum momento num estado que pudesse ser taxado pelo outro, seja o Estado no caso de pertencer a uma rua com número e CEP; seja da de pertencer ou levar a sério as nomenclaturas da sociedade e como estas definem suas disposições na mesma. Neste caso não são apontados conceitualmente o “super-homem”, mas podemos enxergá-lo como o norte para esta autoeducação, “o super-homem é, portanto, apresentado como um ‘ideal’ a ser alcançado, uma ‘perfeição’ que ainda não esta realizada, mas que virá com a superação da mediocridade”¹⁷⁵, isso nos indica que combater o bom combate como dizia Paulo de Tarso, não é fazê-lo pelas vias do espetáculo, mas tentar virar o jogo forjando questões a ponto de serem inseridas culturalmente pelo processo natural da experiência de vida.

Precisamos fazer esta distinção principalmente porque é evidente que os meios oficiais só irão reconhecer aquilo que os convém, e o que convém aos espíritos livres não os convêm, já nos advertia Debord que

o discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. É, portanto, totalmente ilógico. Como já ninguém pode contradizê-lo, o espetáculo tem o direito de contradizer a si mesmo, de retificar seu passado.¹⁷⁶

E essa parece que foi a maneira que os filhos bastardos de Marx e Engels resolveram adotar para suprimir as tentativas de voo do espírito livre, mesmo disfarçados de filósofos é preciso

¹⁷⁴ VIESENTEINER. 2014, p. 231.

¹⁷⁵ DELGADO. 2000, p. 68.

¹⁷⁶ DEBORD. 2008, p. 188.

ter antes de tudo consciência, antes mesmo de “ser filósofo” pois de acordo com o filósofo¹⁷⁷ apesar de a política ser o “duplo da filosofia na *polis*”¹⁷⁸, Nietzsche diz que:

Toda filosofia que acreditar afastar ou mesmo resolver com a ajuda de um acontecimento político o problema da existência não passa de uma caricatura e de um sucedâneo da filosofia. Desde que o mundo é mundo, vimos surgir muitos Estados; é uma velha história. Como uma inovação política seria suficiente para fazer dos homens, uma vez por todas, os felizes habitantes da terra?¹⁷⁹

E como a filosofia é o reduto possível ao espírito livre,

o Estado sempre os temerá e nunca concederá seus favores a não ser a filósofos de quem não tem medo. Acontece, com efeito, que o Estado tem medo da filosofia em si e é nesse caso que procura atrair pra seu campo o maior numero de filósofos que lhe conferirão a aparência de ter a filosofia de seu lado – porque em seu campo tem homens que protegem a filosofia e que não tem absolutamente nada de temível.¹⁸⁰

Que também poderíamos classificar como filósofos-policiais de um estado que elege como tudo em todas as áreas da sociedade, também os seus intelectuais.

Fica evidente que este tipo de dominação que tem inicio pelos mecanismos burocráticos são apenas maneiras de disfarçar o totalitarismo em “auxílio” à sociedade, tendo como consequencia para o sucesso do procedimento a necessidade de padronização da forma de pensar e conseqüentemente do agir, levando esta ideia de nação a um patamar de importância que gerará o inconsciente coletivo como aplicado no inconsciente do individuo para que este sucumba como sujeito e passe a colaborar com a ordenação moral incutida pelo poder, para que este se mantenha e possa gradativamente ser com maior facilidade administrado pela minoria que o rege. Conseqüentemente este tipo de procedimento se apresenta como anti-humanístico, pois não pensa no homem, mas no sistema como meio e fim.

Por isso é preciso insistir no questionamento constante de nossa condição e de nossa condição inserido num contexto político, social e econômico para não deixar que o que

¹⁷⁷ Que oficialmente não era um, a experiência de Nietzsche é justamente esta, sua inserção cultural se deve a sua experiência filosófica e não a sua formação.

¹⁷⁸ GUIDO *et all.* *Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas.* 2013, p. 106.

¹⁷⁹ NIETZSCHE. 2008, p. 46.

¹⁸⁰ *Idem.* p. 98.

chamam de democracia representativa acabe sendo alterado sem percebermos e, por consequência, mude sua estrutura nos movimentos diários onde a população passa desavisada. É preciso manifestarmo-nos como indivíduos conscientes perante as atrocidades da heteronomia, por isso o espírito anarquista se faz presente, não como condição material e, portanto, externa, mas como agir no mundo pela experiência de vida.

REFERENCIAS

- CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011 (impressão 2012).
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- DELGADO, Sebastião de Paiva. **A teoria dos valores em Nietzsche** in *Philos* revista brasileira de filosofia no ensino fundamental. Ano 7 n° 14, 2° semestre de 2000. Florianópolis: Centro de Filosofia – Educação para o Pensar. Pp. 63-73.
- GUIDO, Humberto; GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas** in *Ensinar filosofia: volume 2 / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli*. Cuiabá: Central de Texto, 2013. Pp. 102-127.
- HESSE, Hermann. **Demian**. Trad. Ivo Barroso. Livro vira-vira 2. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- KUNDERA, Milan. **A vida está em outro lugar**. São Paulo: Circulo do Livro, 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Terceira Consideração Intempestiva Schopenhauer educador**. Trad. Antônio Carlos Braga, Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008.
- PIVA, Roberto in **Assombração urbana com Roberto Piva**. Direção Valesca Canabarro Dios. Doctv. São Paulo, 2004. *Vídeo disponível em* <https://www.youtube.com/watch?v=oVMzzYIOaNg>
- RUSSELL, Bertrand. **No que acredito**. Trad. André de Godoy Vieira. Porto Alegre: L&PM, 2011.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Sobre a hipótese da educação como autoformação em Nietzsche** in *Filosofia e Educação: ensaios sobre autores clássicos* / organizadores: Marcos Francisco Martins, Ascísio dos Reis Pereira. São Carlos: EdUFScar, 2014. Pp. 227-244.

DIALÉTICA ABSTRATA: UM ASPECTO PARA A EDUCAÇÃO

Kant dizia que:

Espera-se que o professor desenvolva no seu aluno, em primeiro lugar, o homem de entendimento, depois, o homem de razão, e, finalmente, o homem de instrução. Este procedimento tem esta vantagem: mesmo que, como acontece habitualmente, o aluno nunca alcance a fase final, terá mesmo assim beneficiado da sua aprendizagem. Terá adquirido experiência e ter-se-á tornado mais inteligente, se não para a escola, pelo menos para a vida. Se invertermos este método, o aluno imita uma espécie de razão, ainda antes de o seu entendimento se ter desenvolvido. Terá uma ciência emprestada que usa não como algo que, por assim dizer, cresceu nele, mas como algo que lhe foi dependurado. A aptidão intelectual é tão infrutífera como sempre foi. Mas ao mesmo tempo foi corrompida num grau muitíssimo maior pela ilusão de sabedoria. É por esta razão que não é infrequente deparar-se-nos homens de instrução (estritamente falando, pessoas que têm estudos) que mostram pouco entendimento. É por esta razão, também, que as academias enviam para o mundo mais pessoas com as suas cabeças cheias de inanidades do que qualquer outra instituição pública.¹⁸¹

Conheci muita gente assim, geralmente pessoas que usam o conhecimento com arrogância para derrubar o próximo e não pra construir, não pra elevar um todo, mas pra usar como troféu, distinção ou simplesmente como orgulho substituto de outras deficiências, por isso creio que conhecimento não define capacidade intelectual alguma perante as relações humanas; o conhecimento se transforma em arma na mão daquele que não possui o entendimento, e este entendimento é algo muito maior, primário e difícil de explanar, por se tratar de ação perante a vida, coisa que o simples acúmulo de conhecimento (instrução) não fornece.

Agora uma historinha: *ontem* a aluna da universidade, cheia de conteúdo quis tirar o brilho do professor, de todas as suas conquistas, reduzidas na entonação da aluna em mera casualidade, da mesma forma ela assim o faz com os colegas, no mesmo nível daquele moleque chato do 5º ano que vê em tudo motivo pra tirar aquele sarro gratuito do colega, aquele sarro mais bobo, raso e infundado possível, o simples "ah se ferrou, se ferrou, se ferrou" (isso é uma alegoria), assim ela permanece na sua capacidade de entendimento do mundo, próximo dos 40 ela se manifesta como se tivesse dez, mas sem o conteúdo referente ao tempo mental ela faz das suas leituras as armas que poderão causar dano ao próximo. Aí

¹⁸¹ KANT. *Ensinar a pensar*.

você me pergunta, a culpa é da escola? Provavelmente não, mas de toda nossa construção social, atrelada aos aspectos biológicos do indivíduo envoltos de formação familiar específica, ou então algum mistério da mente que eu não posso ter ideia de qual seja.

Também concordo com Hegel quando este diz que

compreender a ciência existente, modelar por ela a nossa inteligência, e desse modo desenvolvê-la, elevá-la a um grau superior; no ato de a convertermos em propriedade nossa e individual, juntamos-lhe algo de que até então carecera. Desta característica da produção espiritual, que supõe um mundo espiritual preexistente e o transforma no ato de se apossar dele, segue-se que a nossa filosofia só pode existir enquanto ligada à precedente, da qual é necessário produto; e o curso da história mostra, não o devir de coisas a nós estranhas, mas sim o nosso devir, o devir do nosso saber.¹⁸²

Mas também penso que este é um passo adiante, que não se contrapõe a colocação kantiana, pois o fazer do filósofo e o seu criar não é necessariamente enquadrar o homem como um *exercita(dor)* do filosofar para ele mesmo, com um autoentendimento, será portanto, necessário haver o momento, proposto por Hegel do conhecimento da história da filosofia, mas é preciso antes, ou a todo momento, possuir a capacidade de conhecer-se e conhecer este mundo que o cerca como indivíduo para aí sim partir de onde a história do conhecimento construído nos permitirá até reconhecer-nos naqueles conhecimentos para aí sim poder partir dali numa contínua construção.

Hegel fala de compreender o significado geral que seria a/pela história da filosofia, mas ainda permaneço correlacionando os conhecimentos, já que o próprio Hegel fala de resignificação, e combater aquele exemplo seria também poder assimilar, já que ninguém quer “cagar regra”, mas sim expor este modo de pensar baseado na compreensão filosófica própria, assim se fez ou se pode fazer as relações entre Kant e Hegel não sobre o viés histórico, mas de filosofia contemporânea que seria também a filosofia como tal no hoje, seja este hoje ontem, hoje ou amanhã de acordo com o filósofo mas sim ficando apenas a atualidade da sua filosofia como o próprio filósofo já havia colocado, portanto nesta discussão trazida aos tempos atuais, podemos reelabora-las de acordo com outra leitura se queremos as manter vivas como filosofia, e não apenas história da filosofia que aqui se separaria, mas se manteria viva como base da discussão e levando em conta a evolução social geral, portanto, por isso continuo a

¹⁸² HEGEL. *Introdução à história da filosofia*. p. 328.

pensar que elas não se anulam em nenhum momento da discussão contemporânea, sendo que nesta deve ser, pois do contrario não faria sentido a realizar.

Podemos dizer também que a história da filosofia faz sentido de estar imbricada com a própria filosofia por ser a partir dela que se desenvolveram os critérios filosóficos sendo estes mesmos que compõe o filosofar; sendo assim seria possível de alguma forma ensinar a filosofar estando o ensino de história da filosofia atrelado a ele nem que seja ao menos em exemplos pontuais de construção destes critérios, “mas sendo o pensamento o essencial, o substancial, o efetual, dirige-se a objetos muito variados; pelo que importa considerar como mais perfeito o pensamento voltado sobre si mesmo, ou seja, sobre o objeto mais nobre que pode buscar e encontrar”¹⁸³, por isso a meu ver, caminhamos, devidas as estradas pós-modernas, por uma conceituação filosófica de pós-filosofia se pensarmos ainda sob o aspecto moderno e institucionalizado de fazer filosofia, pois se tomarmos como objeto aquele mesmo que é seu gerador e seguindo até a possibilidade de contingencia, não seriam mais os objetos limitados das antigas formas de apresentar que fariam sentido, pois deixam de dialogar com o sujeito inserido já e por outra realização de produção intelectual. Isso nos remete à atualidade da filosofia nietzschiana, já que “o mundo de Nietzsche não tinha ordem, estrutura, forma ou inteligência. Só a arte seria capaz de transformar esse caos em beleza e tornar a vida palatável, apesar de todos os seus problemas e dificuldades”¹⁸⁴, por isso que na historinha contada lá no inicio do texto não havia solução pra aluna veterana, porque

se, para Kant, a razão, em seus limites, favorecia a auto-compreensão do homem, preparando-o para a libertação, Nietzsche o contestava, afirmando que esta era uma falsa liberdade, na verdade escravizada pela razão e, portanto, contrária à dignidade humana.¹⁸⁵

Essa contrariedade tende a desaguar numa serie de problemas que constituem a sociedade em toda sua história, pois ao nos distanciarmos daquele contato com os efeitos do instinto, pela construção da cultura e dos signos, nossa mente também tende a distanciar-se das noções de outro de um sistema de natureza, que mesmo com nossa fuga mental não nos separa fisicamente de ter que se relacionar com as outras partes que constituem este sistema. Ao nos afundarmos cada vez mais nesta construção de sociedade e principalmente se nos

¹⁸³ HEGEL. p. 329.

¹⁸⁴ SILVA, Sérgio Amaral. *Os mestres de Nietzsche*. p. 14.

¹⁸⁵ *Idem*. p. 15.

tornamos crentes do materialismo dialético, tendemos a naturalmente por toda uma cadeia mental a nos apegarmos às realidades sentimentalizadas de uma hipótese nascida em certo tempo histórico que não nos cabe como norma possível, pois com a tecnologia da informação e as noções de virtual, novas e antigas questões vem à tona, enquanto outras apresentam-se obsoletas. Por isso tendo a perceber mais honestidade na concepção niilista presente num espírito anarquista (deixando claro que, justamente por não crer no materialismo, entender este anarquismo como espírito libertário destituído dos códigos que não façam coerência com a realidade espaço-temporal que se apresenta, e também por isso não quero discutir a questão política e do Estado, pois antes de mais nada é preciso fomentar esta realidade do espírito anarquista como a primeira chama para o que pode vir a seguir, lembrando que primordialmente se faz por este meio niilista, lembrando sempre que se trata do niilismo positivo, e não aquele que aceita os velhos valores). Então sobre esta questão vemos a atualidade da proposta voltada ao espírito deste homem justamente por não enxergar pelos objetos que constituem e se fazem necessários para a dialética deste materialismo, pois o único objeto que pode definir uma concepção na existência é o próprio indivíduo que se debruça sobre si, assim podemos nos atentar as palavras do filósofo romeno Cioran quando este diz que:

Todo analista impiedoso, todo denunciador de aparências, com maior razão todo “niilista”, não é mais do que um místico *bloqueado*, e isso unicamente porque se recusa a dar um conteúdo a sua lucidez, dirigi-la no sentido da salvação, associando-a a um desígnio que a ultrapassa.¹⁸⁶

Quanto ao crente percebe-se logo o contrário, este deseja não apenas salvar-se, mesmo porque já se vê ao lado direito de deus, mas salvar a todos na mesma concepção salvífica da sua fé, arredando assim os espíritos dos seus destinos, não sociais, mas metafísicos, e isso lembra o poema *A segunda vinda* de Yeats quando este escreve que “os melhores dentre nós não tem qualquer convicção”.¹⁸⁷

Toda esta noção de mundo contemporâneo deverá nos apresentar outro modo de realização do que podemos definir como educação. Ao buscar uma redefinição do que se vive hoje, devemos ter em conta que a força da modernidade e do iluminismo, mesmo inegável, não pode ser eterna, deve ser superada, por isso que perpetuar a metodologia que ainda guarda

¹⁸⁶ CIORAN, Emil. *Exercícios de admiração*. 2011, p. 68.

¹⁸⁷ In SANTOS, Jair Ferreira. *Breve o pós-humano*. 2002, p. 137.

em sua essência a moralidade de outro tempo - e por isso mesmo que percebemos e aqui se apresenta claramente a distinção entre a moral e a ética -, pois ao preservarmos a moral, nos tornamos antiéticos com a própria condição humana.

Devemos também ter em mente que toda construção cultural deve ser vivida e resignificada constantemente, mas darmos respiro ao que chamamos *sociedade*, por isso a pós-modernidade nos permite certa *dialética por via abstrata*, que vem como refundadora de aspectos práticos da mesma, seja por novas formas de trabalho, de relacionamento, ou aprendizagem, que é evidente, as não aceita, pois implica mexer com o vespeiro dos poderosos. Enquanto o poder existir como instituição e sua dominação burocrática seguirá a norma que existe como dominação do homem, pois “o Estado mantém as pessoas ocupadas o tempo integral para que elas NÃO pensem eroticamente, poeticamente, libertariamente”¹⁸⁸, ou seja, anulem-se, mesmo que por um bem maior, que foi implantada por Platão desde que aquele cara que sai da caverna volta para tirar os demais, ou quando seu discípulo Paulo de Tarso fabrica o cristianismo, até Rousseau que vê o homem bom corrompido pela sociedade, culminando na salvação marxista, ou seja, todos homens que quiseram agarrar o mundo com os braços, e que esqueceram o fundamental, que nossa condição continua sendo de consequência da natureza e como tal somos peculiares como todas as outras formas de vida dentro de sua espécie, ou seja, todos generalizaram a condição do *um* ao verem *todos*, mas não é porque nos diferenciamos e fomos possibilitados da criação da artificialidade é que nos alçamos de tal condição, pois *ex nihilo nihil fit*, e até para a instauração do androide foi preciso antes o ser humano.

REFERENCIAS

CIORAN, E. M. **Exercícios de admiração**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

HEGEL. **Introdução à história da filosofia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho *in* <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/Introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Hist%C3%B3ria-da-Filosofia-Hegel.pdf> - acesso 28/07/2015.

¹⁸⁸ PIVA, Roberto. *Mala na mão & asas pretas*. 2006, p. 145.

KANT, Immanuel. **Ensinar a pensar**. Tradução de Desidério Murcho *in* http://criticanarede.com/fil_ensinarpensar.html - acesso 28/07/2015.

PIVA, Roberto. **Mala na mão & asas pretas**, volume 2. São Paulo: Globo, 2006.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **Breve o pós-humano ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro/Curitiba: Francisco Alves/ Imprensa oficial do Paraná, 2002.

SILVA, Sergio Amaral. **Os mestres de Nietzsche** *in* Coleção Guias de Filosofia Nietzsche volume III – o filósofo e a educação. São Paulo: Editora Escala. Pp. 8-15.

CARTA ABERTA À EDUCAÇÃO BRASILEIRA INSTITUCIONAL

Manifesto por uma educação livre

A condição que se apresenta a educação brasileira é tão broxante diante do seu atraso metodológico e de conteúdo, além é claro da cadeia de mediocrismo que vem sendo implantada desde as series iniciais e que perpetuam com todo gás incutido na formação e continuação de professores e alunos, que fica praticamente impossível argumentar num âmbito que seria próprio para isso, já que a padronização da miséria intelectual comanda todos os campos de atuação e realização do que chamam educação, mas que na verdade está mais para uma segmentação de modelos de implantação, já que mesmo quando se propõe a discussão se está sujeito a uma normatização de comportamento que não pode ser alterado, pois quando isto ocorre todo restante se sente atacado por um inimigo ilusório criado pela ignorância e transformado em mito, pois é inviável chegar onde a incapacidade não permite, desta forma, a chamada educação brasileira obriga a baixar o nível de comparação e não se almeja nada além de uma condição rasa de instrução e diálogo, sendo assim, continuamos eternamente a formar educadores medíocres e incapacitados de encontrar alternativas, e continua a se propagar o mais baixo dos sentidos comuns.

Fica cada dia mais difícil frequentar a universidade, já que são raros os professores que instigam realmente o novo e quando estes exercem seu trabalho louvável de destaque diante da homogeneidade, vê-se o quão difícil é para eles manterem seu padrão autônomo com alunos tão ineficientes e colegas propagadores desta ineficiência.

Me indago diariamente ao ser um graduando da faculdade de artes visuais, do por quê de a existência da academia nos moldes atuais, já que o que fazemos lá não passam de linguagens ultrapassadas (com exceções aos já comentados professores que são os mesmos em sua maioria a apresentarem matérias que mais condizem a contemporaneidade e não apenas como conteúdo de seus cursos, mas também como discussão teórica do que se realiza), e essas linguagens ultrapassadas apenas nos colocam como de fato mortos vivos, no tumulto do mundo que é um país como o Brasil, que constrói sobre a incoerência e o misticismo a sua ciência absurda que não serve a ninguém além do próprio poder de um Estado gigante que pretende amamentar eternamente seus filhos para que os mesmos não possam voar.

Mais absurda ainda são as matérias relacionadas a educação, obrigatórias nos cursos de licenciatura, onde os professores insistem em ideologias do século XIX e não variam em

nada de seus batidos teóricos unilaterais, além é claro da evidente e mais declarada de todas expressões de miséria intelectual realizada pelos cursos de pedagogia que vem a criar única e tão somente reprodutores de uma película tão fina e sem consistência de conteúdo propriamente dito, mas que reproduz velhos chavões terminológicos que na prática não favorecem a aluno algum a não ser a um método que mesmo que refutado teoricamente pelas próprias faculdades de pedagogia na pratica vemos que nunca foram aplicadas e nem podem, pois estes mesmos pedagogos não possuem embasamento suficiente para realizar, ou seja, o belo discurso continua sendo vazio apesar de dizer o oposto e o criticar, não passando portanto de uma autoilusão. É evidente que deveria ser repensado o papel das matérias de educação nos cursos, onde os professores deveriam ter um dialogo mais direto com os mesmos ao invés de serem apenas deslocados dos campos vastos da pedagogia aos cursos superiores, pois estes pedagogos claramente não sabem das peculiaridades que cada curso exige em sua própria pratica de ensino.

A heteronomia institucional que este grande Leviatã impõe à construção curricular dos professores é claramente um dos culpados, mas não pode ser usado de pretexto para que os mesmos não levantem dos seus berços esplendidos dos títulos de mestres e doutores e arrisquem na pratica e na vida, já que este dualismo também deveria já há muito estar superado, e façam valer o título e seus discursos, mas principalmente que esqueçam as utopias do inicio da modernidade e finalmente apliquem-se no tempo presente, pois é o presente que mudo o futuro e não as inúmeras formas de pintar projeções e sonhos.

Evidente que num país que se convencionou e se acostumou as convenções de miséria humana de todos os campos possíveis, deixa claro que os títulos não dizem muito e que não podemos esperar que diplomas definam sujeitos, pois isto permanece a ser reflexo dessa cadeia construída sob os parâmetros toscos da inviabilidade, o que não podemos permitir como indivíduos é que sejamos obrigados a nos reduzir, a nos rebaixar e a nos ajoelharmos diante da mediocridade geral em nome da inconsciência coletiva e assim darmos nossas valiosas vidas nas mãos daqueles que não valorizam nem as suas próprias. Não aceito ter que viver numa sociedade *orwelliana* onde minha única liberdade é poder pensar de forma correta mesmo que não o possa dizer, desta forma que este texto não é um ataque a pessoas, mas um chamado à consciência dos que ainda podem salvar a si mesmos, não por mim ou por qualquer força externa, e sim por suas íntimas vontades, que não sucumbamos nós também ao comodismo da mediocridade e aos costumes do absurdo, lutemos não por bandeiras

predeterminadas por ideologias destituídas de essência e por hipocrisias travestidas de bem, mas por uma transvaloração da condição de sujeito, derrotando assim pela experiência todo e qualquer dogmatismo, mesmo que estes tragam uma legenda de libertação, precisamos saber que não o são, precisamos ir além das respostas prontas e acabadas do mundo moderno, precisamos de fato romper a velha moral e não apenas substituí-la, precisamos ser intransigentes com os preconceitos de todos os tipos e não apenas com aqueles que arbitrariamente nos agradam.

Precisamos finalmente por em pratica certos discursos que têm sido batidos no âmbito da educação, mas que nunca vimos aplicados, e salvar as boas propostas ao invés de atentarmos aos discursos totalizantes e descontextualizados de certos teóricos; precisamos realizar juntamente com nossos colegas e quando digo colegas não segmento por um estado temporário que as pessoas possam estar no dia de hoje, mas precisamos sim realizar juntamente esta compreensão de que fazemos a sociedade, tanto professores, como alunos e funcionários, somos todos e estamos todos no mesmo barco, sendo assim, principalmente ao falarmos de cursos de licenciatura, precisamos pensar juntos. Entendo que para muitos, provavelmente a maioria, o interesse e a comodidade deste interesse prático faz com que seja incoerente com a teoria que se faz necessária e propagar a mediocridade para não “sofrer”, já que sabemos que os discursos também esbarram nas vírgulas dos interesses específicos destes sob órgãos burocráticos que mais a fundo são os seres pensantes de toda esta cadeia. Enquanto um tiver o rabo preso ao outro, desde a primeira vez da criança na escola até a conclusão do seu doutorado, enquanto calarmos diante da mãe que insiste em amamentar um bebê desproporcional, e acatarmos a todas as decisões vindas de conluíus ideológicos e disputas de poder, enquanto isto ocorrer, não passaremos de uma sociedade cada vez mais retrógrada independente dos meios e das lantejoulas; estaremos contribuindo ao desserviço que é a educação brasileira e conseqüentemente contribuindo em ampliar o abismo que nos separa do terceiro milênio.

Não podemos aceitar mais a insistência num único ponto de vista propagado pelos educadores, e sendo inclusive por este ponto de vista estar sujeito a um tempo histórico que não há nenhum interesse e esforço de ser realocado à realidade de sua aplicação ou mesmo que exerça um dialogo aberto com as novidades ou variantes possíveis de serem postas sobre a mesa; que a educação publica venha a ser múltipla, para enfim servir a um povo múltiplo, ou seja, característica do brasileiro. Precisamos sim, ser pedra no sapato dessa gente que de

forma vertical aplica ao bel prazer numa limitada possibilidade de ação/reflexão suas “crenças”, por isso eu repito que devemos fugir dos misticismos da educação nacional, trauma, talvez, de longos períodos que passamos sob governos autoritários, mas que no presente não incorramos em cair no mesmo erro mesmo que velado; por isso precisamos insistir que a educação seja livre, e para tanto as vozes precisam ecoar à liberdade!